



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL**

VANESSA GONÇALO DE SOUSA

**AS CRÔNICAS RADIOFÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES: UMA
CONTEMPLAÇÃO CRÍTICA**

**TERESINA – PI
2016**

VANESSA GONÇALO DE SOUSA

**AS CRÔNICAS RADIOFÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES: UMA
CONTEMPLAÇÃO CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre Letras, Área de Concentração em Estudos Literários

Orientador: Professor Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes

**TERESINA – PI
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

S725c Sousa, Vanessa Gonçalo de.
As crônicas radiofônicas de Cecília Meireles : uma
contemplação crítica / Vanessa Gonçalo de Sousa. –
2016.
115 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade
Federal do Piauí, Teresina, 2016.
“Orientador: Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes”.

1. Literatura brasileira. 2. Meireles, Cecília, 1901-1964.
3. Crônica radiofônica. I. Título.

CDD B869

VANESSA GONÇALO DE SOUSA

**AS CRÔNICAS RADIOFÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES: UMA
CONTEMPLAÇÃO CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre Letras, Área de Concentração em Estudos Literários

Orientador: Professor Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação avaliada pela banca examinadora em 21 / 12 / 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Orientador

Prof. Dr. Alcione Correa Alves

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Examinador interno

Prof.a. Dr.a. Maria Suely de Oliveira Lopes

Universidade Estadual do Piauí

Examinador externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus familiares, aos amigos pelo incentivo inesgotável, aos colegas, professores e funcionários da Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, em especial ao orientador Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes.

RESUMO

O presente estudo compreende um recorte das crônicas radiofônicas de Cecília Meireles, escritas em 1961-1964, para serem veiculadas nos programas Quadrante e Vozes da Cidade nas respectivas rádios Roquete Pinto e MEC, posteriormente publicadas em *Escolha seu sonho* e *Ilusão de mundo*. Esses programas de rádio foram censurados durante a ditadura civil-militar, muitos dos materiais de publicação foram perdidos, o que denota a importância da pesquisa e o resgate da memória ao analisar as crônicas resgatadas em editoriais. Objetivou-se analisar o *corpus* literário como resultado da articulação entre História, Código e Informação com base no aporte teórico de Carlos Reis (2003). Primeiramente, estudar a tradição estética da autora, a escolha por determinada abordagem, temas e recursos intrínsecos no texto, como também as particularidades do gênero, suas especialidades e correlacionando a conjuntura histórica inserida, ressaltando as marcas dos aspectos extrínsecos no texto e como funciona no discurso literário. Dada hipótese que a autora trata de temas políticos censuráveis mediante as possibilidades do gênero crônicas para dizer o interdito durante a instauração de uma ditadura militar, estudou-se as matizes críticas acerca de temas condizentes ao contexto sócio-histórico, com os seguintes tópicos de análise: reflexão sobre a relação humana, diagnóstico sobre o aspecto social e escritos levianos sobre a política. A pesquisa consiste: No primeiro capítulo versou sobre os comentários biográficos e profissionais da autora com base nas críticas literárias Valéria Lamego (1996), Maria Lúcia Dal Farra (2005), Maria Valdenia da Silva (2008), Mariana Batista do Nascimento Silva (2008) e Yolanda Lôbo (2010). O segundo capítulo visou divulgar e compreender o exercício cronístico de Cecília Meireles e situá-la no *status* de crônica moderna auxiliados com o aporte teórico de Massaud Moisés (2003), Antônio Cândido (2006), Afrânio Coutinho (1986), Jorge de Sá (2005) e Eduardo Portela (2005), que caracterizam o gênero literário, crônica. No terceiro capítulo realizou-se uma análise interpretativa dos objetos selecionados, Como resultados foram: a especificidade da linguagem, estratégias narrativas, recursos poéticos usados para construir ironias e tons leves que demonstram um olhar perscrutador do narrador acerca de uma realidade ficcional, estimulando a capacidade de imaginação do leitor e apelo pela negociação dos sentidos, construindo um discurso literário provocador influenciado pelo momento histórico inserido, afinados com as propostas educacionais pelas quais Cecília Meireles atuara.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Cecília Meireles. Crônica radiofônica.

ABSTRACT

The study is on the radio chronicles by Cecília Meireles, written in 1961-1964, to be transmitted in *Quadrante* and *Vozes da Cidade* programs in the respective radios, Roquete Pinto and MEC, later published in *Escolha seu sonho* and *Inlusão de Mundo*. These radio programs were censored during the civil-military dictatorship, many of the materials of publication were lost, which denotes the importance of research and rescue of the memory when analyzing the recovered chronicles in editorials. The aim was to analyze the literary work as a result of the articulation between History, Code and Information based on the relevant theoretical contribution by Carlos Reis (2003). Firstly, the study exposes the aesthetic tradition and particular approach of author, themes and resources intrinsic in text, as well as the particularities of the genre and the correlating of this historical conjuncture, excluding the marks of the extrinsic aspects in text and how it works in the literary speech. As hypothesis that the author wrote suppressed political issues through the possibilities from the genre of chronicle to say the interdict during the military dictatorship, the critical nuances on topics that are appropriate to the socio-historical context were studied, with the following topics of analysis: reflection on the human relation, diagnosis on the social aspect and frivolous writings on politics. The research shows: In the first chapter, the author's biographical and professional commentary, based on the literary criticism Valéria Lamego (1996), Maria Lúcia Dal Farra (2005), Maria Valdenia da Silva (2008), Mariana Batista do Nascimento Silva (2008) and Yolanda Lôbo (2010). The second chapter aimed to divulge and understand the chronicle exercise of Cecilia Meireles and to situate it in the status of modern chronicle assisted with the theoretical contribution of Massaud Moisés (2003), Antônio Cândido (2006), Afrânio Coutinho (1986), Jorge de Sá (2005) and Eduardo Portela (2005), which characterize the literary, chronic genre. In the third chapter an interpretative analysis of the selected objects was carried out. As results were: the specificity of the language, narrative strategies, poetic resources used to construct ironies and light tones that demonstrate a percussive look of the narrator about a fictional reality, stimulating the capacity of imagination of the reader and appeal for the negotiation of the senses, constructing a provocative literary speech influenced by the inserted historical moment, attuned with the educational Cecília Meireles's proposals for which had acted.

Key words: Brazilian literature. Cecília Meireles. radiophonic Chronicle.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 CECÍLIA MEIRELES: IMPRESSÕES BIOGRÁFICAS E PROFISSIONAIS	10
2.1 Produção literária de Cecília Meireles	16
2.2 Crônicas radiofônicas de <i>Quadrante e Vozes da Cidade</i>	22
2.3 Divergências entre os críticos literários das crônicas radiofônicas	28
3 CONCEITO DE CRÔNICA: DE RELATO HISTÓRICO AO GÊNERO LITERÁRIO	34
3.1 O <i>status</i> literário da crônica moderna.....	42
3.2 A crônica literária: característica e tipologia	45
3.3 Cronistas em transição.....	52
3.4 A crônica pela cronista Cecília Meireles.....	60
4 EXERCÍCIO DE ANÁLISE TEMÁTICA DAS CRÔNICAS RADIOFÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES	64
4.1 Reflexão sobre a relação humana	66
4.2 Diagnóstico acerca do aspecto social.....	80
4.3 Escritos levianos sobre a política.....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	110

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo compreende um recorte das crônicas radiofônicas de Cecília Meireles escritas em 1961-1964, momento político conturbado no país, para serem veiculadas nos programas *Quadrante* e *Vozes da Cidade* nas respectivas rádios Roquete Pinto e MEC. Os programas mencionados consistiam em reunir sete autores renomados, entre eles, Cecília Meireles, para a produção de crônicas que eram narradas durante, no máximo, cinco minutos diários. O sucesso dos programas possibilitou as primeiras publicações editoriais das crônicas radiofônicas, como exemplo: em coautoria o *Quadrante I* (1962) e o *Quadrante II* (1963); *Escolha seu sonho* (1964) significou o único livro de própria seleção entre as crônicas já publicadas em *Quadrante I* e *Quadrante II* e escolha do título; bem como postumamente, a publicação da coletânea *Ilusões de Mundo* (1976).

A leitura do *corpus* literário escrito para ser narrado em rádio, meio de comunicação mais popular da época e situado no momento histórico da instauração de uma ditadura civil e militar, possibilitou observações e o questionamento: A autora articulou as possibilidades fluídas do gênero crônica para representar temas censuráveis naquele momento.

Entre os objetivos da pesquisa é divulgar e estudar o exercício cronístico de Cecília Meireles como *macro-signo* (REIS, 2003) dotado de articulações para a exteriorização de uma mensagem trans-histórica, situando-o no contexto da crônica moderna, bem como identificar e analisar temas e as consequências da escrita relacionada aos aspectos sociais e políticos durante a ditadura civil e militar em 1964. Analisar as estratégias textuais inseridas no *corpus* e suas particularidades, ressaltando como funciona o discurso literário, considerando o institucionalmente determinado, cujos aspectos internos da obra são selecionados pelo crivo da autora, evidenciando a sociedade de sua contemporaneidade (REIS, 2003).

Para a seleção do objeto de estudo abordou-se a leitura das coletâneas *Escolha seu sonho* e *Ilusões de mundo*. Observou-se que as crônicas radiofônicas apresentam um diálogo fluído com uso de linguagem ambígua para expor assuntos diversos. São narrativas que apreciam eventos diários articulados com críticas perspicazes e reflexivas acerca de uma realidade sociocultural construída. Desta forma o critério de escolha do objeto literário foi fundamentado nos temas que configuram julgo sobre a relação humana, social e política que aludem o caráter

universal e atual das respectivas crônicas: “Depois do carnaval”, “Dias perfeitos”, “Tempo incerto”, “Vovô Hugo”, “Diário do imperador” e “Liberdade”.

Visando a concretização dos objetivos, a pesquisa se apresenta distribuída conforme segue. O primeiro capítulo aborda, em linhas gerais, sobre a autora Cecília Meireles e suas múltiplas faces. Empreender-se-á uma apreciação das produções de crônicas de Cecília Meireles em colaboração com os respectivos críticos literários,¹ ressaltando as especificidades da produção literária da autora empreendendo uma proposta de análise dos recursos intrínsecos correlacionados aos recursos extrínsecos, a fim de compreender a representatividade do discurso literário na sua contemporaneidade. Apresenta-se o envolvimento e influências literárias da autora, pois a crônica está diretamente ligada aos registros históricos, portanto, contempla-se uma análise do universo sociocultural das produções de crônicas de Cecília Meireles correlacionada à crítica literária. O capítulo discorre também sobre as diferentes linhas das crônicas produzidas pela autora como: *Crônicas de educação*, *Crônicas de viagem* e *Crônicas em geral* para, a seguir, apresentar a conjectura sócio histórica das crônicas radiofônicas, bem como observar as divergências e conclusões de leitura entre os críticos do referido objeto literário e demonstrar o posicionamento teórico que norteou esta proposta de leitura.

O segundo capítulo apresenta um estudo acerca do gênero crônica, que incluiu as tipologias e as características baseadas em diferentes abordagens teóricas de definição. Ressalta-se, ainda, nas obras literárias *Crônica sonhada* e *Tristeza do cronista* uma noção do conceito do gênero por parte da autora (OLIVEIRA, 2010). Ainda no referido capítulo apresentam-se cronistas do panorama nacional que obtiveram destaque no mesmo momento histórico em que o objeto de estudo está inserido e colaboraram para o *status* literário da crônica moderna. O enfoque no trabalho destes cronistas procura uma apreensão da qualidade literária dos textos e dos temas abordados, o que, por sua vez, acarreta um entendimento do conceito e a caracterização do gênero para embasamento da análise.

O terceiro capítulo constitui uma análise interpretativa do recorte das crônicas radiofônicas conforme os respectivos temas em comum: A reflexão sobre a relação humana, Diagnostico acerca do aspecto social e Escrito levianos sobre a política,

¹ Valéria Lamego (1996), Maria Lúcia Dal Farra (2005), Maria Valdenia da Silva (2008), Mariana Batista do Nascimento Silva (2008) e Yolanda Lôbo (2010).

auxiliados com o aporte teórico de Massaud Moisés, Antônio Cândido, Jorge de Sá e Eduardo Portela, que caracterizam o gênero literário crônica.

Como também se apreende o estudo do texto de ficção, em respaldo a Umberto Eco e Carlos Reis, como resultado da interação entre a tradição estética e a tradição sociocultural, usa-se como estratégia de estudo as observações dos recursos textuais, aspectos relevantes empreendidos para a leitura interpretativa das obras literárias. Identifica-se na análise interpretativa das crônicas características de literatura de engajamento com base em Benoît Denis e traços de ficção social ressaltados por Fábio Lucas.

Nas considerações finais, após as leituras dos aspectos temáticos, busca-se enfatizar o projeto literário da cronista e identificar a sua especificidade em relação aos demais cronistas inscritos no mesmo período sócio-histórico. Apontar marcas e estratégias textuais no discurso literário diretamente relacionado ao período do regime militar de 64. E ainda ressaltar os objetivos alcançados e a relevância do estudo dos referidos objetos literários para uma ampliação dos horizontes acadêmicos.

2 CECÍLIA MEIRELES: IMPRESSÕES BIOGRÁFICAS E PROFISSIONAIS

*Cecília, és, como o ar,
Diáfana, diáfana.
Mas o ar tem limites:
Tu, quem te pode limitar?
(BANDEIRA, 1948)*

Cecília Meireles nasceu no dia 7 de novembro de 1901 no Rio de Janeiro. Tornou-se órfã aos três anos de idade, a partir de então, foi criada pela avó Jacinta Benevides e a babá Pedrina. Casou-se com o artista plástico português Fernando Correa Dias² em 1922, que veio a cometer suicídio em 1935, deixando a autora viúva e com a responsabilidade do sustento de três filhas. Após cinco anos do infortúnio, Cecília Meireles contraiu novo matrimônio com o professor Heitor Grillo que a acompanhou até os últimos dias de vida. Vítima de câncer, a escritora faleceu em 9 de novembro de 1964, dois dias após o aniversário, segundo Maria Lúcia Dal Farra, ela “[...] pertence à estirpe daquelas mulheres que têm o privilégio de completarem um giro inteiro de vida, um ciclo perfeito – imagem do oroboro mordendo a própria cauda” (2005, p. 335).

Cecília Meireles viveu 63 anos, muito destes dedicados a vida profissional, ela escreveu incessantemente, inclusive pouco antes do seu falecimento, configurando “uma produção de fôlego” (SILVA, 2008, p.). Ela produziu poemas, crônicas, artigos, estudos culturais e folclóricos, conferências, peças e obras didáticas. Apresentou diversas facetas profissionais, entre as quais se podem citar professora, poeta, cronista, folclorista, jornalista, tradutora e diretora da primeira biblioteca infantil do país, tendo se consagrado como poeta, cujo marco inicial residiu na premiação da obra *Viagem* pela Academia Brasileira de Letras em 1938.

Observa-se nos fatos biográficos de Cecília Meireles levantados por Yolanda Lôbo (2010), referentes à inserção desta figura feminina em âmbitos exclusivamente masculinos por ligações intermediadas pelo marido Fernando Correia Dias: a filiação ao grupo Festa, a direção da Página de Educação no *Diário de Notícias*, foi uma entre as três mulheres dos 26 assinantes do manifesto redigido por Fernando de

² De origem portuguesa, artista plástico e ilustrador com trabalhos publicados em alguns editoriais e jornais cariocas, entre eles o *Diário de Notícias*, como também participou ativamente do modernismo português (LÔBO, 2010).

Azevedo sobre a inclusão da Escola Nova em 1932, diretora e organizadora da primeira biblioteca infantil em 1934.

Cecília Meireles e Fernando Dias ingressaram ao grupo dos espiritualistas que fundaram a revista *Festa* de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, na primeira fase em 1927 e na segunda fase em 1934. O grupo foi constituído, em sua maioria, por católicos que aspiravam à renovação estética literária da maneira que continuassem as tradições românticas e simbolistas (LAMEGO, 1996, p. 46). As características típicas deste grupo influíram nas produções líricas de Cecília Meireles, que se apresentavam distribuídas em versos tradicionais e compartilhavam dos objetivos do grupo, como divulgar a valorização do espírito humano em oposição ao materialismo ocasionado pelo processo industrial e o progresso burguês vigente.

A aproximação ao grupo acarretou críticas e a dificuldade de enquadrar a tendência estética das produções literárias de Cecília Meireles, visto que, em seguida, produziu obras que conferiram recursos textuais modernos e criticou diretamente o grupo católico nos debates relacionados ao sistema de ensino no início da década de 30. Conforme Alfredo Bosi (*apud* LAMEGO, 1996), não se pode apreender a participação de Cecília Meireles no grupo da revista *Festa*, como uma coligação doutrinária, porém sugere a aproximação pela admiração dos idealistas do Simbolismo, pois neste momento, a autora não produziu artigos críticos, apenas publicou sua poesia. Cabe frisar que Maria Valdenia da Silva (2008) atribui a coligação ao grupo *Festa*, com ideais espiritualistas, porém não vinculado ao tradicionalismo, ao reafirmar o que apontara o crítico Leodegário Azevedo Filho, para quem em Cecília Meireles “o Simbolismo já dava sinais de desautomatização da linguagem poética, primorando pela flexibilidade e musicalidade do verso” (AZEVEDO FILHO, 2007, p. 276 *apud* SILVA, 2008, p. 26).

Veja que a Igreja Católica no contexto histórico da década de 1920 apresentava uma noção pluripartidária, após a decepção de organizar-se em um partido único, como estratégia de reaproximação do poder do qual estava distante desde a queda do imperialismo. Entre os envolvidos nessa percepção heterogênea da Igreja Católica havia aqueles que consolidavam a hierarquia da instituição e os voltados para a nova cristianização. Este grupo consistia em atrair os leigos para

formar uma intelectualidade católica que participasse ativamente no âmbito sociopolítico (IRSCHLINGER, 2014)³.

Observa-se, portanto, que a revista *Festa*⁴ era formada por um grupo heterogêneo de espiritualistas enquanto que a Igreja Católica já tinha a sua revista conservadora, *A Ordem*, fundada no Rio de Janeiro, dirigida por Amorico Alceu Amoroso Lira (Tristão de Ataíde), líder do grupo católico brasileiro, político de caráter autoritário e nacionalista, que pôs entraves na vida profissional de Cecília Meireles em dois episódios, no concurso para o magistério e na premiação da Academia Brasileira de Letras (LÔBO, 2010).

Cabe enfatizar que foi possível por meio das conexões ao grupo *Festa* uma aproximação de Cecília Meireles ao espiritualismo indiano, proporcionada principalmente pela admiração ao escritor Rabindranath Tagore⁵ (LAMEGO, 1996), que muito influenciou em suas composições literárias. Nota-se o uso de intertextualidade da autora em suas obras literárias publicadas não somente nos anos 1920, mas no decorrer da sua vida, como sugere José Paz Rodrigues (2012). Este enumera poemas, artigos e crônicas que expressam a admiração da autora pelo poeta e pela Índia. Reforça-se aqui também a crítica literária⁶ que salienta leituras interpretativas na construção literária de Cecília Meireles ligada à filosofia religiosa de origem hinduísta e budista, temas como respeito à vida e a fugacidade do tempo.

Entretanto Cecília Meireles, como educadora, adotou sim propostas modernas que priorizavam a reformulação do sistema educacional e pertenceu ao grupo dos defensores da Escola Nova. Percebe-se a concepção ideológica da autora sobre o ensino ao concorrer em um polêmico concurso para o cargo de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal em 1930. Como etapa exigida no concurso, defendeu a tese *O espírito vitorioso*, na qual fazia apologia à

³ Autor do artigo “O Renascimento da Igreja Católica no Brasil: Ideários de uma geração (1920-1940)”, que aborda as tentativas de reaproximação da Igreja Católica do poder no período no título exposto.

⁴ Tinha como colaboradores: Henrique Abílio, Adelino Magalhães, Barreto Filho, Lacerda Pinto, Basílio Itiberê, Tristão de Ataíde e Cecília Meireles; e na segunda fase Mário de Andrade, que antes havia criticado a revista por ser “um modernismo à sombra” (LAMEGO, 1996, p. 49).

⁵ Poeta e romancista indiano, como também educador, que defendia a Escola Nova sem segregação de gênero, raça e religião na cidade Santiniketon, próxima a Calcutá (RODRIGUES, 2012).

⁶ Leila V. B. Gouveia (2008), Nilcileia da Silva Rosário (2011), Daniela Utescher Alves (2012) e Camila Marchioro (2014).

Escola Nova:⁷ “nessa tese Cecília destacou os princípios de liberdade, de inteligência, de estímulo à observação, à experimentação, introduzidos pela Escola Moderna” (LÔBO, 2010, p. 16). Embora não tenha sido classificada ao posto por motivos políticos e influência do grupo católico, o episódio contribuiu para a participação da autora nos debates políticos e educacionais via imprensa, escrevendo artigos e crônicas. Os “Liberais, católicos, integralistas, comunistas e socialistas participaram dos debates, com o objetivo de construir o Brasil novo, remodelado e progressista, prometido pela Revolução de 1930” (STRANG, 2010, p. 3).

Cecília Meireles surgiu entre os cronistas, nos anos de 1930 até 1933, que participaram ativamente do movimento de reformas de ensino. Foi diretora e jornalista da *Página de educação*,⁸ no *Diário de Notícias*,⁹ também escrevia para a coluna *Comentários* “com a mesma leveza e sensibilidade estética que marcaram a obra da poeta” (STRANG, 2010, p. 3). A obra da autora não apresentava somente lírica como se observa na coluna *Comentários*, com objetivos definidos de intervir na educação Cecília Meireles também proferiu “farpas” contra o sistema político e educacional, como apresenta o estudo *A farpa e a lira* de Valéria Lamego (1996). A autora se envolveu em debates políticos, culturais e educacionais, escrevendo linhas com intensos tons de ironias e críticas.

Com base nas sugestões da crítica Yolanda Lôbo (2010), por pressões políticas, Cecília Meireles deixou a direção da *Página* do jornal *Diário de Notícias*. Ela passou a interessar-se e divulgar o folclore brasileiro sem perder o vínculo com a proposta de renovação do ensino, porém desprovida do caráter político da forma empregada antes. Aceitou as vantagens do Departamento da Imprensa e

⁷ Movimento de renovação do ensino baseado em proposta de Fernando de Azevedo nas mobilizações e conferências fundamentado nos princípios filosóficos e pedagógicos do norte-americano John Dewey (1859-1952), que caracteriza a educação como elemento verdadeiro para a construção de uma sociedade democrática (LÔBO, 2010).

⁸ Uma página diária pioneira dedicada à educação que contava com a colaboração de outros jornalistas, entre eles, Carlos Lacerda, que iniciou suas atividades jornalísticas nessa página, segundo Valéria Lamego (1996).

⁹ Jornal inicialmente simpatizante à Aliança Liberal de Getúlio Vargas lançado por Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel no Rio de Janeiro em julho de 1930, período marcado por clima tenso na redação. Posteriormente, o jornal foi opositor ao governo, sendo liberal durante o Estado Novo. Foi o jornal pioneiro ao propor uma página somente para pauta educativa, como também abordava temas sobre políticas nacional e internacional, economia, esporte e assuntos femininos. Ressalte-se que Nóbrega da Cunha era amigo do casal Fernando Correia Dias e Cecília Meireles (LAMEGO, 1996).

Publicidade (DIP)¹⁰, que lhe proporcionou viagens para os Estados Unidos, onde ministrou aula de cultura e literatura brasileira na Universidade do Texas.

A autora passou a ser responsável pela revista *Travel in Brazil*, chamada por Mário de Andrade de DIP-revista, escrita em inglês que tinha como alvo o público internacional. Esse periódico circulou de setembro de 1941 até fevereiro de 1942, e tinha entre os colaboradores Mário de Andrade, José Lins do Rego, Tasso da Silveira, Sergio Buarque de Holanda, Paulo Rónai e Menotti Del Picchia. Os temas desenvolvidos na revista versavam sobre as manifestações folclóricas e música brasileira, embora houvesse algumas restrições com relação aos assuntos e fotografias que poderiam ser publicados e vistos internacionalmente. Percebe-se a astúcia da autora ao utilizar estratégias para expor, de alguma forma, o material com restrições como mencionado no estudo de Ana Paula Leite Vieira (2013) em sua análise das cartas trocadas entre a autora e Mário de Andrade.

A própria Cecília Meireles foi um exemplo do desenvolvimento educacional e cultural transmitido por tradição oral, conforme o convívio com a avó materna e a babá Pedrina na infância, que lhe despertaram o interesse e o conhecimento, influenciando os seus estudos culturais de tradições e folclores (LÔBO, 2010). Como exemplos da militância folclórica da autora, participou da Comissão Nacional do Folclore, desde sua instalação em 1948, tendo, sido inclusive, secretária do 1º Congresso Nacional de Folclore, em 1951. Nas produções escritas naquele momento, destaca-se como inovadora a peça folclórica *A Nau Catarineta* em 1946 para teatro de marionetes. Cecília Meireles publicou o ensaio *Panorama folclórico dos Açores* em setembro de 1955 e pronunciou em Porto Alegre a conferência *O folclore na literatura brasileira* em 1957.

Na década de 1940, Cecília Meireles dedica-se ao jornalismo e escreve crônicas com temas diversos para o jornal *A Manhã*, no Rio de Janeiro e os jornais paulistanos, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *Correio Paulistano*, além do *Diário do Povo* no Rio Grande do Sul. Como também dedicou-se a viajar por todo o Brasil, pelos Estados Unidos, Europa e Açores, principalmente nas décadas de 1940 e 1950. Como resultado de suas excursões culturais, por motivo de trabalho ou

¹⁰ Departamento criado por Getúlio Vargas que reconheceu a importância de atrair a classe intelectual a seu favor, em 1939, como forma de manipular as informações nacionais e internacionais, e conter as críticas e mobilizações contra o seu governo. Promoveu incentivo e vantagem para vários âmbitos culturais, artísticos e de comunicação, entre eles, os “Católicos, integralistas autoritários, esquerdistas disfarçados vieram ocupar os cargos [...] que o regime oferecia” (FAUSTO, 2006, p. 208).

missão cultural produziu: *Doze noturnos da Holanda* em 1951; *Poemas escritos na Índia* em 1953, que lhe rendeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Delhi, na Índia.

Pelas produções literárias da autora depreende-se sua preocupação com as causas humanitárias e educacionais mesmo após as decepções com a proposta de renovação do ensino na década de 1930. As discussões pedagógicas foram retomadas na década de 1950, quando o país em processo de desenvolvimento demandava por uma educação pública de qualidade que correspondesse às exigências mínimas do setor industrial. Fernando de Azevedo redigiu o manifesto sobre a Educação Nova em 1959, com o título *Mais uma vez convocados*, desta vez ele reuniu 161 assinantes, entre eles Cecília Meireles, ainda ligada às preocupações educacionais (CUNHA; SOUZA, 2011).

Após também colaborou com a produção de crônicas radiofônicas de 1961 a 1964 para programas de rádio que visavam à promoção cultural. O convite marcou a passagem da autora no rádio, até então, o meio de comunicação mais popular. Chegando ao fim da vida em 1964, recebeu homenagens póstumas como o prêmio Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra. Como também recebeu homenagem do escritor e amigo Carlos Drummond de Andrade, que escreveu a crônica *Imagem para sempre*.

Observados os comentários biográficos e profissionais da autora em termos gerais, percebemos a atividade literária intensa e atuação social e cultural de Cecília Meireles. Analisa-se a seguir o fazer literário da autora, de forma que se identifica a autora como uma reconhecida poeta, indagando-se o mesmo ocorre com o fazer cronístico.

2.1 Produção literária de Cecília Meireles

Às 15 horas de segunda feira, nove de novembro de 1964, os poemas de Cecília Meireles alcançaram a perfeição absoluta. Não há mais um toque de sutileza a acrescentar-lhes, nem sequer um acento circunflexo a suprimir-lhes – aquele acento que ela, certa vez, em um poema retirou de outro poema com a leveza de mãos de quem opera uma borboleta. Não virão outros versos fazer-lhes sombra ou solombra. O que foi escrito adquiriu segunda consistência, essa infrangibilidade que marca o definitivo, alheio e superior à pessoa que o elaborou. (DRUMMOND DE ANDRADE, 1964).

As primeiras produções literárias de Cecília Meireles estão inseridas no contexto cultural brasileiro de lutas pela transição política que, conseqüentemente, motivaram as alterações sociais e culturais. Na década de 1920, as mobilizações artísticas buscavam a construção de uma identidade nacional desprendida dos modelos europeus. Neste sentido, a autora realizou estudos folclóricos para afirmar o nacionalismo na raiz cultural do país, que influenciaram suas primeiras publicações literárias (SILVA, 2008, p. 12). Embora *Nunca mais...* (1923), *Poemas dos poemas* (1923) e *Baladas para el-rei* (1925) tenham sido distribuídos em versos métricos tradicionais e apresentem características do Simbolismo em meio ao apogeu do Modernismo com a Semana da Arte Moderna em 1922, apreende-se, conforme os recursos textuais já ressaltados, que foram influenciados pelo contexto histórico. Visto também que no Rio de Janeiro, cidade mais cosmopolita que as demais na época, as mobilizações modernistas não foram tão radicais quanto em São Paulo (LAMEGO, 1996, p. 45).

Cecília Meireles é consagrada como poeta, afirmada pelo grande número de crítica literária para a produção poética¹¹ que contribuíram para o conhecimento e divulgação maior deste estilo. Bem como a notoriedade concedida à poeta por meio da premiação da Academia Brasileira de Letras à obra lírica *Viagem* em 1937. Por esta razão, a crítica Jacicarla Sousa da Silva (2006) aponta a fixação de títulos à Cecília Meireles, tais como “poeta do inefável”, contribuíram como aspecto negativo sobre a visão da autora como distante do envolvimento com o contexto social. Porém conforme sua análise acerca da obra poética de Cecília Meireles demonstra,

¹¹ Ressaltam-se as coletâneas de poemas mais notórias da autora ao longo da vida: *Espectro* (1919), *Nunca mais...* (1923), *Poemas dos poemas* (1923) e *Baladas para el-rei* (1925), *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945), *Retrato natural* (1949), *Romanceiro da inconfidência* (1953), *Giroflé, giroflá* (1956), *Solombra* (1963) e *Ou isto ou aquilo* (1964).

percebe-se um novo olhar, em especial, um envolvimento ou até mesmo uma antecipação das causas feministas, divergente do olhar contemplativo sobre a transitoriedade e o efêmero proposto pela crítica cristalizada.

Percebe-se a pertinência do contexto sociopolítico na escrita da obra *Viagem*, inserida no sistema opressor de Getúlio Vargas, conforme sugere o trecho do parecer de Cassiano Ricardo que concedeu o prêmio à autora:

Cecília Meireles não se limita a ser um poeta, mas um pensador também, não só um poeta, mas um artista compenetrado dos mais sutis valores que soube criar e que nem todos terão a agudeza de espírito e de sensibilidade para compreender.

A novidade de forma, do ritmo, de ideia lhe dá o direito de dizer coisas que outros poetas não se lembraram de dizer ainda. Sua poesia tem força expressional. Ela mostra que pode ser moderna guardando o sentido de disciplina e do bom gosto. **Cecília Meireles realiza dois passeios, um às fontes puras e tradicionais do sentimento no momento em que todos fazem no intelectualismo, e outro, ao clássico, na desordem do mundo atual.** O resultado desses dois passeios é um brinde ao leitor. (RICARDO apud LÔBO, 2010, p. 63, grifo nosso).

O parecer de Cassiano Ricardo aponta novidades no discurso e recursos textuais poéticos da autora, tais como o labor expressivo para compor a tensão relacionada ao âmbito social inscrito. Nesta leitura, Cecília Meireles propõe uma reflexão crítica e a descoberta do sentido e da existência no livro *Viagem* que se identifica como o conceito de *poesia resistência* proposto por Alfredo Bosi no sentido que a poesia na modernidade surgiu “silenciosa e simbólica” (1977, p. 143), para contradizer e não afirmar o sistema autoritário derivado da industrialização.

Observa-se que no contexto histórico de 1930, de acordo com Boris Fausto (2006), há uma transição política conflituosa, à mão armada, que provocou a queda da República Velha e ascensão da República Nova. Momento em que se configurou uma efervescência cultural que visava o modernismo, não somente nas artes, assim como na educação, no sistema sociopolítico e econômico do país. Para a concretização da renovação em todos os âmbitos acreditava-se no poder transformador da educação. Na proposta de intervenção do ensino, surgiram dois grupos opostos, os católicos e os renovadores, estabelecendo o confronto na imprensa dos interesses e ideias entre os defensores da Escola Velha e os da Escola Nova. Foi na imprensa que cada grupo divulgou sua proposta e lançou críticas um ao outro.

Esse contexto foi propício para o incremento literário jornalístico. Diferentes autores¹² usaram o jornal como alternativa de publicação, além dos editoriais. De forma que era apresentado como um *boom* das produções de crônicas na imprensa diariamente, envolvendo o leitor em um verdadeiro campo de guerra. A crítica literária Bernadete de Lourdes Streisky Strang (2010) expõe que os cronistas da década de 1930 foram sujeitos da história que teve a imprensa como um excelente recurso e lugar estratégico para intervir ou construir uma nova proposta pedagógica, pois o veículo de comunicação circulou por todo o país e configurava como o principal meio de informação.

No ano de 1930, Cecília Meireles iniciou como cronista de educação, atuando no jornal *Diário de Notícias*, antes mesmo da consagração como poetisa. A partir de então, escreveu, aproximadamente, 2.500 crônicas ao longo de 34 anos, incluindo as publicações em jornais e programas de rádio. Entre as crônicas jornalísticas, muitas eram desconhecidas até serem organizadas por Leodegário A. de Azevedo Filho, mediante pedido da Editora Nova Fronteira em 1998, por ocasião da aproximação do centenário da autora, sendo divididas em títulos *Crônicas de educação*, *Crônicas de viagem* e *Crônicas em geral*. Por meio destas coletâneas foi possível um contorno mais definido de Cecília Meireles como cronista e a natureza diversa do gênero.

As *Crônicas de educação* apresentam um tom irônico e teor crítico em defesa da liberdade, do senso coletivo e transformação social, como ilustrado no trecho da crônica “Escola velha e escola nova”:

Não a podem evitar, não porque ela se queira **impor**, dogmaticamente, mas porque, pelo fato de corresponder à verdadeira necessidade da fase atual da vida, por não desejar mais nada que estar a serviço da própria vida, por se resumir em dar às criaturas aquilo de que possam carecer para a elementar função de existir, a Escola Nova é uma coisa **invencível**. É um acontecimento humano. É a escola resultante do tempo, ligada ao tempo: **indestrutível**, por variar com ele, e ir sendo sempre o que ele determinar seja, ao contrário da escola velha, paralisada e inútil no ambiente móvel e inexorável da vida. (MEIRELES, 2012, p. 283, grifo nosso).

Nota-se, por intermédio da leitura da citada crônica, o uso de vocábulos representando supremacias e uma organização textual com construções de confrontos ideológicos conforme a influência do âmbito sociocultural, resultando em um produto ficcional crítico. Conferindo as tendências que norteavam a produção de

¹² Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

crônicas deste período, como textos com qualidades literárias revelando a consciência do escritor formada pela pertinência social. Cabe ressaltar a análise de Marcus Vinicius da Cunha e Aline Vieira de Souza (2008) que atribui estratégias textuais diferentes nas crônicas com temas educacionais como possível através de um meio de comunicação literária não usual na época:

Utilizando um recurso essencialmente diferente do empregado por muitos de seus contemporâneos: o jornal, um veículo de comunicação que, embora alcance os educadores profissionais, é acessível a um público não especializado em assuntos educacionais, um conjunto amplo de leitores com diversas formações e interesses. Esse tipo de veículo de comunicação facilita ao autor expressar suas paixões [...] que outros meios não permitem. Tendo a chance de expor seus sentimentos dessa maneira, o orador caminha pela linha tênue que o separa de seu auditório, visualizando a diferença que almeja eliminar por meio da negociação de sentidos. (CUNHA; SOUZA, 2008, p. 863-864).

Cecília Meireles soube aproveitar o meio de comunicação, eliminando os empecilhos, para que o discurso fosse levado ao público diversificado. Os críticos ressaltam um discurso com vocabulários indiretos e recursos subjetivos que identificaram como “um discurso peculiar” (CUNHA; SOUZA, 2008, p. 864). Na mesma proposta percebem-se as estratégias apontadas nas crônicas:

Mesmo quando escreve para o jornal, Cecília não abre mão da linguagem literária, conseguindo exercer a sua capacidade criativa e usar o recurso do humor e da reflexão para captar o fato cotidiano, tornando-o mais leve e atrativo aos olhos do leitor, de modo que a leitura transforma-se num ato de fruição e um exercício de enriquecimento cultural. (SILVA, 2008, p. 92).

Valeria Lamego (1996), Bernadete de Lourdes Streisky Strang (2010), Maria Valdenia Silva (2008), Mariana Batista do Nascimento Silva (2008), Marcus Vinicius da Cunha e Aline Vieira de Souza (2008) expõem *Crônicas de educação* como dotadas das questões relacionadas ao ensino e à perspectiva histórica na visão da autora. Por meio das crônicas, é possível reconstruir o momento histórico sobre a reforma da Escola Nova, inclusive aspectos culturais que se apresentavam na época.

Cecília Meireles incrementou as crônicas sobre educação com estudos folclóricos para a coluna *Professores e Estudantes*, no jornal *A Manhã*, no Rio de Janeiro de 1941 até 1943. Em 1942, insere na coluna diversos estudos folclóricos infantis intitulados *Infância e folclore* que demonstravam a preocupação da autora com estudos folclóricos que considerava como base para a literatura infantil e o desenvolvimento educacional. Seus estudos não era simplesmente a divulgação do

folclore, mas refletiam a importância de uma qualidade literária e a transmissão de bons valores na produção de livro infantil para auxílio pedagógico (FIALHO, 2011). A inquietação de Cecília Meireles não consistia apenas em escrever livros com conteúdos direcionados para as crianças, mas, apresentar um trabalho estético com a linguagem que sensibilizasse o gosto para a leitura dos pequenos leitores. Como pedagoga e escritora de livros infantis, notam-se entre os tópicos a defesa da tradição oral, o respeito ao folclore, contos e lendas em *Problemas da literatura infantil*¹³ em 1951:

A literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas – vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca. (MEIRELES, 1979, p. 19 apud SILVA, 2008, p. 20).

Percebe-se a visão didática da autora ao apontar a importância das tradições literárias que remontam valores e identidade cultural de geração para geração. Como também, observa-se por meio das produções literárias a reunião da qualidade literária, a proposta educadora e observações críticas da jornalista.

A crítica Karla Renata Mendes (2010) analisou *Crônicas de viagem* especificamente as que relatam sobre viagens para Portugal, atribuindo uma evocação lírica no objeto literário. Ressalta que se apresentavam de forma breve, destinadas à publicação jornalística e temporalmente delimitada, como característica inerente do gênero crônica, porém atribui aspectos renovadores, entre os quais, a crônica é descrita com intensidade lírica para guiar o leitor para as impressões de viagens da autora. Nessa esteira e de modo complementar, a crítica Maria Elisa Pires afirma que:

Em *Crônicas de viagem* vemos, justamente, esse propósito reflexivo de perscrutar a essência humana. São relatos de viagens físicas em que o deslocamento geográfico é apenas um detalhe se comparado à intensa ação do olhar contemplativo. (PIRES, 2013, p. 237).

As viagens de Cecília Meireles são apresentadas nas suas obras literárias como poesia contemplativa segundo a crítica que atribuem as *Crônicas de viagem*, elementos composicionais poéticos, como imagem, ritmos, aliterações e ambiguidades. Maria Lúcia Dal Farra (2005) discorre sobre as referidas crônicas,

¹³ Projeto da Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais: esta obra é resultante das três conferências de Cecília Meireles durante sua visita aquele estado em 1949.

notando que não se trata apenas de relatos de uma visita a outro lugar, mas uma cultura a ser decifrada, cujos aspectos geográfico e histórico devem ser apreendidos como uma experiência poética, uma apreensão individual e única acerca do lugar novo a ser descoberto.

As *Crônicas de viagem* apresentam um narrador, não como um mero turista, mas um viajante que contempla e propõe a transcendência da essência humana concretizadas por “uma comunicação sentimental” (MORAES, 2006 apud MENDES, 2010, p. 20). A seguir um trecho da crônica “Roma, turistas e viajantes”:

Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes, seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro [...].

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagaroso, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer a origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais tosca as mais sublimadas do passado, do presente e até do futuro – um futuro que ele nem conhecerá. (MEIRELES, 2012, p. 256).

A crônica aborda de forma temática a busca poética do viajante que pode estar em pequenos objetos, seres e ações. Há uma valorização para a reflexão mais profunda e um olhar contemplativo. Ao diferenciar o turista do viajante apresenta os narradores das *Crônicas de viagem* como viajantes, pois buscam a beleza e as perscrutações humanas. As observações aqui relatadas correspondem à delimitação do tipo de crônica apresentada pela crítica:

[...] Crônicas de Viagem tem como base o tom indagador, o questionamento existencial diante da vida e a perplexidade diante da morte. Como tentativa de livrar-se da finitude e do aniquilamento, a poetisa-cronista transcende o caráter efêmero dos seres e dos objetos através da tentativa de apreender seu aspecto genuíno, sua essência duradoura. (PIRES, 2013, p. 250).

Entende-se o exercício cronístico de Cecília Meireles como uma forma de “apreender o real sem deixar de notar a poesia do mundo” (MENDES; TEIXEIRA, 2009, p. 26). É importante frisar as observações de Daniela Utescher (2008) sobre a prosa de Cecília Meireles ainda carecer de análise e enquadramento do gênero devido à publicação recente da prosa e o seu desconhecimento, como também, as mesmas são articuladas com características singulares. A crítica distingue a obra poética direcionada a um leitor erudito enquanto que as crônicas seriam destinadas ao leitor mais simples. Daniela Utescher (2008) explorou ainda as crônicas de Cecília Meireles como uma correlação a biografia da autora.

A partir da divisão em três temáticas das crônicas publicadas em jornais por Leodegário A. Azevedo Filho, percebe-se em *Crônicas de educação* os textos literários de natureza argumentativa e factual possível de reconstruir a percepção sócio-histórica vigente. As crônicas visavam a reformulação do ensino, a equalização e mantiveram uma postura crítica ao sistema conservador. Na segunda linha temática das *Crônicas de viagem*, os textos apresentam imbricações entre poesia e prosa. Discorrem acerca de viagem a diversos cantos do mundo com um olhar contemplativo, construindo uma experiência poética. O terceiro tema, por sua vez, caracteriza as *Crônicas em geral* que apresentavam diversos assuntos, por exemplo, os fatos diários e acontecimentos da cidade. Cabe enfatizar que o objeto de estudo deste trabalho, as crônicas radiofônicas, pertence à última linha temática citada, mais popularizadas.

Conforme a leitura das *Crônicas em geral* apreende-se temas do cotidiano, que configuram como comentários breves e de forma leve, há ainda observações sobre a cidade do Rio de Janeiro e notícias mundiais como a Segunda Guerra Mundial, são estilos de crônicas próximas do estilo tradicional. Para a nossa análise, as crônicas radiofônicas são crônicas que abordam temas em geral e compreende-se o contexto do início da década de 1960. Conforme a percepção das temáticas sobre as crônicas, anteriormente, Cecília Meireles não abandonou as causas humanitárias e a missão educadora, desta vez, expressa por ondas sonoras. Observa-se o empenho da autora e a sua conexão ao grupo de cronistas em rádios a seguir.

2.2 Crônicas radiofônicas em *Quadrante* e *Vozes da cidade*

Em 1960, Cecília Meireles foi surpreendida com o convite de Murilo Miranda¹⁴ para produzir crônicas radiofônicas, transitando dos espaços jornalísticos e editoriais para o poderoso meio de comunicação vigente, o rádio. Passou a escrever crônicas de 1961-1964 para serem veiculadas nos programas *Quadrante* e *Vozes da Cidade* pelas respectivas rádios MEC e Roquette Pinto. Ela escreveu crônicas para os jornais durante trinta anos, mas suas primeiras publicações editoriais da crônica

¹⁴ Importante interventor cultural que fundou a *Revista Acadêmica* - revista literária - junto com Carlos Lacerda em 1934, que contava com a colaboração de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e outros (BANDEIRA, 1961).

foram através das coletâneas das crônicas radiofônicas, entre elas: em coautoria o *Quadrante I* (1962) e o *Quadrante II* (1963); *Escolha seu sonho* (1964) foi o único livro de própria seleção e escolha do título; bem como postumamente, a publicação da coletânea *Ilusões de mundo* (1976) (ROSARIO, 2011). Para posteriormente, após longas pesquisas e organização, publicarem as crônicas jornalísticas.

Ao emprendermos uma análise do momento sócio-histórico, fundamentado no conceito de Carlos Reis (2003), que conceitua a relação entre o recorte do tempo em que está inserida a construção da obra literária como prática figurativa de certa consciência coletiva dessas sociedades e a capacidade de testemunho histórico, verificamos que o contexto sócio-histórico decorre do incremento econômico e cultural, como também das transformações sociais, da urbanização ocasionada pelo processo da industrialização e modernização, que no final na década de 1950 apresentavam um quadro de instabilidade econômica e política decorrentes da crise com os altos gastos decorridos da industrialização no país. Essa crise gerou certo descontentamento com o sistema político, acarretando mobilizações sociais, dentre as quais de grupos de estudantes, sindicalistas e camponeses na luta por reformas rurais e urbanas (FAUSTO, 2006).

Neste cenário a rádio apresentava-se como meio de comunicação em massa no início da década de 1960, como observamos na tese de Lia Calabre de Azevedo (2002). A rádio no Brasil iniciou na década de 1920, como uma diversão de grupo restrito sem pretensão de retorno financeiro. Roquette Pinto foi um dos pioneiros ao fundar a Rádio Sociedade em 1923, a primeira emissora brasileira que consistia em ler e comentar as notícias diárias dos jornais. Na década de 1930 e 1940 solidificaram e desconstruíram o Estado Novo. Após surgiram grandes emissoras que corresponderam ao processo de modernização após 1945.

A partir da modernização industrial, apresentou uma nova configuração nos meios de produção de bens de consumo e de comunicação, entre eles, o rádio como difusor de informações e formador de opinião da população em massa. Tornou-se um meio de comunicação organizado em grandes centros de entretenimento e difusor da cultura popular, presente em um maior número de residências e estabelecimentos comerciais, configurando um espaço estratégico que incentivou uma sociedade capitalista e consumista. As emissoras de rádios passaram a ser alvo de críticas sobre a promoção de programas populares que consistiam em deseducar o povo. Entre as críticas apresentamos o jornal *Diário de Notícias*, na

coluna diária *O Diário dos Estúdios* que combatia as rádios populares e publicavam crônicas com temas que reivindicavam que as rádios elevassem o nível cultural da população brasileira, surgindo às rádios não comerciais com finalidades educativo-culturais (AZEVEDO, 2002).

A circunstância do meio de comunicação em meados da década de 1940 e no início da década de 1970 configurou a “Era de Ouro” da rádio comercial e a introdução dos programas educativos nas rádios não comerciais (ZUCULOTO, 2010). A fase da rádio de “Desenvolvimento Educativo” salienta o instrumento como mídia predominante que levou informações e entretenimento ao povo, uma vez que a rádio comercial visou grandes retornos financeiros apresentou uma variada programação de entretenimento com grandes números de audiência, influenciando a reformulação da programação radiofônica não comercial. Pensando nisso as emissoras de rádios não comerciais incrementaram sua pauta em busca de uma maior audiência: implantaram programas de ensino formal transformando os estúdios em salas de aulas; apresentaram grandes nomes da literatura em programas no estilo de *Quadrante*; não esquecendo o teatro, inovaram com as peças radiofônicas estrangeiras e nacionais; e contavam com uma programação diversificada de música, com estilos populares e eruditos (ZUCULOTO, 2010).

Entendemos, então, a proposta desenvolvimentista educacional das emissoras em que circularam as crônicas de Cecília Meireles. A rádio MEC foi fundada em 1936, mediante a doação da Rádio Sociedade de Roquette Pinto ao Ministério da Educação, com a exigência que a emissora mantivesse sempre a missão educativo-cultural. Roquette Pinto foi entre os principais responsáveis pelo incentivo à produção de programas instrucionais radiofônicos neste período. Embora ainda comandando alguns programas na rádio MEC, ele deixou a emissora para abrir o próprio projeto rádio-escola em meados da década de 1940 (ZUCULOTO, 2010). Desta forma tanto a emissora do Ministério da Educação e a de Roquette Pinto mantiveram interesses e fins educacionais, mesclando na sua programação, noticiários, teatro, literatura, palestras, aulas e músicas. Percebemos, então, a relação entre as emissoras de rádio e o que possibilitou a veiculação do mesmo estilo de programa em ambas.

Em 1961, Murilo Miranda teve a iniciativa de reunir um grupo de sete cronistas para criação do programa *Quadrante*, na rádio MEC, eles eram: Cecília Meireles, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Dinah

Silveira, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. O programa era exibido todo dia às oito da noite e repetido no outro dia ao meio dia, foi ao ar no período de Março de 1961 à Julho de 1963 e se tornou um grande sucesso, que logo refletiu no âmbito editorial.

Manuel Bandeira no artigo “O excelente Murilo” para o *Jornal do Brasil* em 16 de outubro de 1961 escreveu elogios a Murilo Miranda, quem ele já conhecia há um bom tempo, sobre sua direção na rádio MEC. E ainda ressaltou suas contribuições culturais que ele acompanhou e também participou, como a revista literária, a direção da Comissão Artística do Teatro Municipal e especificamente ao programa ele afirmou:

Uma das suas mais felizes criações foi o programa Quadrante, crônica diária lida por Paulo Autran e escrita cada dia por um da turma. Com exceção de um canastrão do gênero e cujo nome não cito para não lhe dar o gostinho de lhe aparecer à minha custa, todos os outros são ases da crônica – Cecília, Diná, Drummond, Braga, Sabino, e Paulo Mendes Campos (BANDEIRA, 1961, p.4).

No artigo, Manuel Bandeira, de forma irônica omite o próprio nome entre os envolvidos nesse projeto, ressaltando o grupo de cronistas reconhecidos na época. A leitura diária da crônica pelo ator Paulo Autran durava no máximo cinco minutos. Na entrevista para Livia Rosa em 1999 (apud THOMÉ; REIS, 2014, p. 4) Paulo Autran relatou que nunca havia imaginado trabalhar em rádio, já fazia teatro, quando foi convidado por Murilo Miranda - quem ele o distinguiu como “um homem com uma visão sobre cultura extraordinária” - para participar desta aventura de interpretar crônicas no programa *Quadrante* da rádio MEC. Ele nos demonstra a surpresa dos idealizadores do programa pelo grande sucesso alcançado, pois a audiência, até então, era relativamente baixa para o estilo dos programas educacionais e culturais, porém o referido programa superou a audiência das rádios comerciais.

Murilo Miranda também inseriu o mesmo estilo de programa educativo-cultural com o título *Vozes da Cidade*, na Rádio Roquette Pinto em 1963 e 1964. Desta vez com as participações do locutor Jorge da Silva, dos escritores Octávio de Faria e Paulo Rónai. A equipe de cronistas era formada por: Henrique Pongetti, Genolino Amado, Rachel de Queiroz, Rubem Braga (substituído depois por Maluh de Ouro Preto), Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles (ROSÁRIO, 2012).

Na leitura da crônica de Cecília Meireles “Este senhor, Murilo Miranda”, em homenagem ao idealizador dos programas de crônicas radiofônicas, obtemos uma noção dos objetivos deste projeto:

Há dois anos, Murilo Miranda convocou vários amigos, e ao contrário do que se supõe que os amigos deva fazer, convidou-os para trabalhar. Não um trabalho qualquer, desses trabalhinhos folgados, que levam meses para serem elaborados e, depois de prontos, ocupam uma frestazinha do tempo... Não um desses trabalhos de equipe, em que cada um faz um pedacinho, e depois todos ficam felizes por vários meses ou mesmo anos. Murilo Miranda foi pedindo a cada um “mais do que podia a força humana”: ele queria fazer chegar ao povo o melhor que a cultura de cada um pudesse dar. Apresentou programas, inspirou programas, pediu programas. (nem queríamos acreditar que existissem ouvintes para essa espécie de programas.) (MEIRELES, 2005, p. 112).

Compreendemos pela organização interna da crônica uma linguagem simples com referencial imediato. O texto literário apresenta-se de forma breve e leve, construindo marcas de enunciação que produzem um efeito na representação figurativa de Murilo Miranda, criando uma familiaridade com o leitor. A temática aborda a promoção cultural do projeto de forma despretensiosa para serem apresentados em pouquíssimo tempo, porém com objetivos grandiosos visando a elevação cultural do coletivo. A cronista não deixou de ressaltar o árduo e inovador que trabalho decorria por meses para a elaboração textual rica de sentidos que fluísse no recorte de tempo bem menor.

Visamos aludir as estratégias textuais e ressaltar as causas do sucesso deste projeto radiofônico apontados pela crítica Nilcileia Silva Rosário (2012, p. 21) que ao mergulhar nas produções literárias radiofônicas de Cecília Meireles impulsiona uma provocação seja pela qualidade estética ou pelo enredo:

É revelar uma escritora singular, em pleno domínio de sua capacidade criativa, que escolheu a narração e a descrição do cotidiano para expor o seu ponto de vista sobre uma imensa variedade de assuntos, em tom coloquial, como se estivesse entre amigos, em uma sala de visitas, por acaso em uma estação de rádio bem popular.

A crônica “Este senhor, Murilo Miranda” ainda nos oferece uma noção acerca das repressões a que o projeto radiofônico fora sujeito:

Espíritos Maus baixava em turba para nos desiludirem (...). Lutando, pois, contra os espíritos maus, continuamos a procurar o melhor para oferecer ao povo, na esperança de que essa palavra povo não significasse o que muitos pensam ou dizem, mas sim o conjunto das forças vivas que forma a própria nação. Ora os espíritos maus foram derrotados, suponho, pois aquilo que parecia impossível aconteceu: e

até pessoas que nunca se tinham detido a ouvir programas começaram a prestar atenção, a intervir, a indagar, a sugerir. Murilo Miranda tinha acertado. (MEIRELES, 2005, p. 113).

Por fim o projeto radiofônico foi impedido de continuar quando se instaurou o Regime Militar em 1964, devido às imposições do interventor, Eremildo Viana, que assumiu a rádio MEC. Este, segundo Paulo Autran, dificultou todos os trabalhos, pois não demonstrava interesse algum por cultura e igualmente por promover conhecimento: “Ele queria mesmo era acabar com todo e qualquer programa que tivesse liberdade artística de escolher ou qualquer coisa assim. E então ele acabou o *Quadrante*” (1999 apud THOMÉ; REIS, 2004, p. 4). Após o conclusão do programa, conforme a leitura do artigo de Cláudia Thomé e Marco Aurélio Reis (2014) apontam os aspectos graves sobre o “apagão” das rádios, como a destruição dos materiais gravados, restando poucos documentos, sendo encontradas apenas duas crônicas gravadas no programa *Quadrante*:

O apagamento da memória sobre o que aconteceu no país se torna ainda mais perverso quando se percebe que houve uma tentativa não só de silenciar, mas também de eliminar pistas, produções culturais e registros sobre importantes personagens dessa história que felizmente vem sendo recontada no país. (THOMÉ; REIS, 2014, p. 2).

Visto a grande importância da rádio como documento histórico e o crime por ela sofrido, graças aos editoriais já publicados, a seleção de inéditos por partes dos familiares de Cecília Meireles foi possível conhecer e eternizar as suas crônicas radiofônicas. Ressalte-se também a relevância de se buscar construir as memórias deste período, a oportunidade do estudo dessas produções, sobre o que os autores abordavam nestes textos e de que forma eram enunciados, contribuindo como agentes na formação de opinião pública em um ambiente censurado, configurando o objetivo do nosso trabalho.

Entendemos na nossa análise, conforme as considerações sobre o contexto histórico da produção literária em especial as radiofônicas, circunscrita num momento histórico autoritário, conturbado, submetido às censuras e de mobilizações sociais. Compreendem-se as crônicas produzidas por Cecília Meireles se distanciam das crônicas factuais jornalísticas. Apresentando elementos textuais incomuns e diferentes, até então, como poeticidade, crítica, ironia, conhecimentos variados entre folclore, literatura, cultura e a natureza humana que propendiam o caráter nacionalista presente na ordem social. As crônicas radiofônicas foram articuladas de forma a contemplar o objetivo proposto por Murilo Mendes aos cronistas, levar

cultura ao “povo”. Observamos as propostas de leituras aludidas pela crítica a seguir:

2.3 Divergências entre os críticos literários das crônicas radiofônicas

Primeiramente apreendemos na leitura do artigo “Do jornal ao livro: A trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso” de Luiz Carlos Santos Simon (2004) que principia com “não devemos menosprezar o nó entre o texto e o seu veículo” (CANDIDO, 1992, p. 14 apud SIMON, 2004, p. 2). As transições das crônicas jornalísticas publicadas em editoriais na década de 1930 foram tratadas como polêmicas por parte dos críticos na época que atribuíam à característica de temporariedade e falta de pretensão das crônicas afinadas aos jornais e refletiam sobre a perda da essência do gênero nesse novo espaço publicitário.

Porém a aceitabilidade do mercado editorial foi possível conforme apresenta Eduardo Portella (1958) devido à publicação das crônicas de Rubem Braga que apresentavam qualidade literária e oferecia os traços do gênero redefinidos. Pensando, então, na contribuição de novas constatações acerca das crônicas ao invés das perdas nessa transferência. Portanto o artigo de Luiz Carlos Santos Simon (2004) evidencia o olhar positivo deste novo meio baseado em Eduardo Portella, Massaud Moisés e Antonio Candido, assegurado pelo mercado editorial que há uns vinte ou trinta anos atrás promoveram o incremento destas coletâneas e sugere o seu aproveitamento para o meio acadêmico.

Aceita a sugestão, como uma proposta de dinamização dos estudos do gênero crônica no meio do conhecimento acadêmico literário. Da mesma forma percebemos a temporariedade das crônicas radiofônicas de Cecília Meireles, reunidas nos editoriais, *Escolha seu sonho* e *Ilusões de mundo* como uma oportunidade de averiguar e analisar sua composição técnica literária e acenar novas contribuições para possíveis futuros trabalhos acerca do objeto. Enumeramos também os críticos literários que analisaram os referidos objetos literários, assim propomos uma revisão da fortuna crítica das crônicas radiofônicas de Cecília Meireles para situar a nossa pesquisa inserida no quadro já desenvolvido, como forma de apreciar os resultados dos estudos destes pesquisadores literários, para, após essa etapa, enunciar as probabilidades teóricas da nossa pesquisa.

Percorramos as especificidades e objetivos em comuns e diferentes nos seguintes trabalhos.

Tomamos como ponto de partida, a crítica Maria Valdenia da Silva (2008) que apresenta na tese *As crônicas de Cecília Meireles: Um projeto estético pedagógico*, uma preocupação com a qualidade estética e a recepção do leitor no texto. A crítica aborda uma leitura interpretativa de uma seleção de crônicas radiofônicas da coletânea *Escolha seu sonho* de forma que a identifica como persuasiva no diálogo direto com o leitor. Bem como, observa a linguagem emotiva e referencial, caracterizando como elementos básicos da crônica baseado em Antonio Candido, Davi Arrigucci e Jorge de Sá. Aponta na construção de algumas crônicas mesclada com o uso de técnicas formais poéticas com base nos conceitos de Octávio Paz e tece algumas considerações sobre a possibilidade de ser prosa poética.

Embora na tese, o objeto literário de estudo não seja exclusivamente as crônicas radiofônicas, apresenta-as construídas na confluência entre o lirismo e olhar crítico sobre temas condizentes no momento inscrito e atual. Entre os temas ressaltou os voltados para a educação afirmando que a autora tinha ideias avançadas para a época, destacou a proposta de leitura assegurada no ideal educador de Cecília Meireles no referido projeto literário. No sentido que se apropriou dos recursos poéticos para promover o exercício da subjetividade e a capacidade de imaginação do leitor (SILVA, 2008).

Por sua vez, as críticas Karla Renata Mendes e Nincia Cecília Borges Teixeira (2009), produziram o artigo “O exercício cronístico de Cecília Meireles: entre o lirismo e a crítica”, no estudo do mesmo objeto *Escolha seu sonho*, que apontam resultados semelhantes em relação ao estudo de Maria Valdenia Silva (2008). Da maneira que diferem por apresentar uma análise da estrutura e temática das crônicas não somente como o mundo ficcional com imbricações poéticas ou de um conto em respaldo a Antonio Candido (1992), mas também, o mundo ficcional próximo do factual, apresentando um olhar crítico acerca da realidade. As críticas fundamentam sua análise dialogando com Ude Baldan (2002) que afirma sobre a singularidade e a qualidade literária das crônicas de Cecília Meireles concretizadas com o seu fazer poético, situando-a como uma das melhores cronistas da nossa literatura.

Karla Renata Mendes e Nincia Cecília Borges Teixeira (2009) cita um levantamento histórico sobre as variações do gênero com afinidades jornalísticas, para atribuir especificidades nas produções escritas pela autora, concluindo que:

De maneira geral, a crônica de Cecília Meireles não foge às características intrínsecas do gênero, cultivando uma escrita marcada pela brevidade textual, priorizando um discurso de caráter mais próximo da oralidade, mantendo um diálogo com o leitor e registrando fatos do cotidiano, a autora transforma “trivialidades” em motivo literário. Darcy Damasceno, em apresentação ao livro *Ilusões do mundo*, afirma que a crônica cecilianiana ‘é também uma projeção de sua alma no universo das coisas. Alimenta-se da referencialidade, das coisas concretas, de fatos e situações que envolvem o ser humano em seu comércio diário, mas matiza subjetivamente tudo isso’ (Meireles, 1982, p. 10). (MENDES; TEIXEIRA, 2009, p. 123).

O artigo foi baseado em duas hipóteses de leitura interpretativa: o lirismo e a reflexão crítica. A primeira hipótese propõe o *corpus* literário *Compensação* como uma extensão do seu labor poético, com auxílio dos teóricos Yves Stalloni (2003), Massaud Moisés (1979), Del Pino (1980) e Jorge de Sá (1987). E a segunda hipótese visa demonstrar em *Aberrações do número* temas com influências do contexto real pautado pela ironia, sagacidade e crítica por parte de Cecília Meireles com auxílio do conceito de ironia de Aabye Søren Kierkegaard (1991). Caracteriza as produções das crônicas radiofônicas de forma interpretativa dividida entre a subjetividade e o olhar perscrutador acerca da realidade, identificando com o *lirismo reflexivo* proposto por Jorge de Sá (1987, p. 12-13) como estratégia presente nas crônicas que promove o repensar da vida na confluência da emoção e da razão, já que no contexto social inserido se deixa escapar.

Observamos como o resultado apontado na análise pelas críticas Karla Renata Mendes e Nincia Cecília Borges Teixeira (2009) encontra-se afinado com o objetivo educador apreendido da crítica Maria Valdenia da Silva (2008), ambos os estudos atribuem a qualidade poética das crônicas como recursos propositais para promover no leitor a capacidade imaginativa guiada pelos temas relacionados ao contexto sócio-histórico.

Como também observamos na crítica de Nilcileia da Silva Rosário (2011), a proposta de dissertação *Ilusões de mundo por Cecília Meireles* visou destacar a temática conflituosa do mundo contemporâneo nas crônicas radiofônicas publicadas em *Escolha seu sonho* (1964), *O que se diz e se entende* (1980) e *Ilusões de mundo* (1982). A crítica ressalta de forma interpretativa nas crônicas as pertinências da visão filosófica da autora de origem no hinduísmo e budismo, que promove o

respeito a todas as coisas, desde as mais efêmeras como forma, bem como salientou outro ponto filosófico religioso nas crônicas, a noção da fugacidade do tempo.

Para a construção da análise interpretativa selecionou as crônicas que configurassem o espaço narrativo da prosa, o ritmo, o tempo e a paisagem do Rio de Janeiro e Brasil, buscando referências no texto para refletir sobre os aspectos socioeconômicos do Brasil de 1960, concretizado com uma linguagem nostálgica e poética. Identificou um narrador sensível a criar um mundo fictício, detendo-se do mundo de experiências urbanas, explorando os temas nas crônicas como formas de refletir sobre os problemas sociais no contexto inserido aliados às técnicas do lirismo com a narrativa de um observador crítico e sagaz.

Conforme as críticas supracitadas ressalvam em comum uma leitura interpretativa das crônicas com aspectos literários que apresentam introspecção, lirismo, como também uma narrativa com um observador crítico, socialmente ativo, com denúncias dos aspectos negativos da sociedade, visando o bem coletivo.

Por sua vez Danielle Morais Generoso (2012) analisa as crônicas do livro *Ilusões do mundo*, fundamentada em dois capítulos do livro de Sigmund Freud: “O futuro de uma ilusão” e “O mal estar da civilização”. No sentido que as crônicas projetam a procura do homem pela aspirada felicidade, traçando estratégias como inventar um mundo para suprir as suas deficiências. Configurando uma verdade inventada, transforma o convívio com a realidade do mundo.

De forma diferente das críticas literárias já expostas, adotamos a análise da organização interna dos objetos literários radiofônicos, proposto pelo crítico Ude Baldan (2001), no artigo “Uma crônica, apenas”. Primeiramente percebemos os semelhantes resultados, como, ele observa o recurso da linguagem simples, sem rebuscamentos, para dar o sentido de oralidade, mas que passa por todos os sentidos, exercendo o fazer poético, assim como foram apontados por Karla Renata Mendes e Nincia Cecília Borges Teixeira (2009): que respaldadas na teoria de Antonio Candido (1992, p. 14) sobre o quanto “Ela [crônica] é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas [...]”. Alude também ao uso da estratégia nos textos literários criarem um efeito de ilusão no leitor como uma fuga dos referenciais conhecidos para uma realidade mágica construída, dialogando com a perspectiva das autoras.

A análise do crítico aponta divergências no sentido que atribui às crônicas como produto fictício, afirmando que o discurso generalizado como característica fundamental deste gênero é decorrente do discurso figurativo da realidade e das trivialidades do dia-a-dia. Apresenta os recursos que proporcionam um discurso direto como uma necessidade exigida do meio de comunicação próprio, como o jornal, nesse caso especificamente, o rádio. Salienta a figura do narrador nas crônicas, diferenciando do autor, que estabelece um discurso implícito ao narratário, ora com referências externas ora com imagens poéticas. Vejamos a fundamentação da análise:

A partir de Jakobson, os estudos literários, especialmente os ligados a semiótica, incorporaram este conceito dividindo-o em termos complementares: a *debreagem* e a *embreagem*. Pela *debreagem* o enunciador projeta no enunciado um não-eu, um não-aqui, e um não-agora, separados da pessoa, espaço e tempo inerentes a si mesmo. A *debreagem* é a primeira condição para que se manifeste um discurso sensato e que pode ser partilhado entre os sujeitos. Por outro lado, pela *embreagem*, o sujeito enunciador pode fazer um retorno à enunciação e instalar um discurso em primeira pessoa. Tal mecanismo, então, consiste em enunciar as categorias dêiticas que o designam – o eu, o aqui, o agora cuja função é manifestar o lugar imaginário da enunciação, por meio de simulacros da presença do enunciador. A primeira pessoa que aparece no enunciado é sempre uma terceira pessoa revestida de primeira: o eu só pode ser compreendido no horizonte do ele. (BALDRAN, 2002, p. 135).

O crítico apresenta as crônicas de Cecília Meireles alternadas entre um discurso *debreado* e um discurso *embreado*, conforme os conceitos emprestados de Roman Jakobson (1963). Desta forma a análise apreendeu a obra literária desvinculada da representação da realidade e sim vista com a capacidade da linguagem de construir a realidade. O crítico apresenta o narrador como um personagem, simulando um “eu que é tão ele” (BALDRAN, 2002, p. 136), que constrói um transcender dos fatos criados como se apresentasse em referencial imediato, que só seria possível nas balizas da poesia. Apresenta no discurso construído uma simulação de diálogo com o leitor ao mesmo tempo em que traz marcas de enunciação.

O estudo também traz um levantamento de característica interpretativa, enumerando temas encontrados nas crônicas pertinentes socialmente correlacionados à negação do imediatismo moderno, representando uma individualidade que universaliza, possibilitando o reconhecimento do leitor.

Os trabalhos apontam por vias interpretativas a influência do contexto sócio-histórico no objeto literário em estudo, como também há outros que estudam a forma

como são enunciadas as crônicas para representar figurativamente elementos sócio-históricos. As críticas literárias Maria Valdenia da Silva (2008) e Karla Renata Mendes, assim como Nícia Cecília Borges Teixeira (2009), após analisarem os temas com reflexão socialmente inseridos no contexto atual da época, ressaltam elementos textuais propositais com a finalidade educativa proposta na produção pela autora. Enquanto Nilcileia da Silva Rosário (2011), na apreensão do discurso literário enunciado pelo narrador, aponta aspectos filosóficos espiritualistas de origem hinduísmo e budismo, o que correlacionamos ainda traços dos ideais do grupo *Festa* ao qual a autora afiliou-se na década de 1920, como já visto nas considerações do contexto das produções literárias iniciais.

Por sua vez Ude Baldran (2002) analisa a forma como se construiu a produção literária, o enunciado criado por narrador a um determinado narratário, após correspondeu como temas com pertinência social, não como reflexão social.

A nossa proposta de leitura é fundamentada pelo aporte teórico de Carlos Reis (2003), a obra literária não se refere a uma produção independente, porém criada dentro de um contexto sociocultural, carregando em si influências deste pelo crivo do autor. O discurso literário não só é formado pelos aspectos intrínsecos, como também concretizado pelos aspectos extrínsecos, demonstrando as influências do momento histórico-social em que se encontra inserido. Como isso funciona nessa pesquisa, primeiramente estuda-se a tradição estética da autora, identifica-se as articulações textuais, a escolha da autora por tal recurso ao escrever a obra, e correlaciona com o momento histórico, ressaltando as influências do aspecto externo na escolha da forma escrita e a mensagem transmitida.

Não significa dizer, contudo, que, a obra literária representa a história e a sociedade no momento em que foi escrita, mas leva-nos a observar como na produção literária é trabalhada esteticamente a composição técnica literária com as marcas relacionadas ao seu tempo, de forma que se apresenta um discurso pluriestratificado e enriquecedor para as possibilidades de leituras. Ao analisar os recursos textuais das crônicas, levantamos a hipótese das estratégias textuais escolhidas pela autora como forma de expressar temas censuráveis na época. No estudo das crônicas identificamos os temas com base na reflexão humana, à crítica social e a crítica política por meio da linguagem ambígua, identificando tom de humor e reflexão. Entende-se que assim como o objetivo do projeto literário

radiofônico educativo, a autora articulou uma narrativa fluida a fim de aguçar o senso crítico do leitor, retirar as vendas para o autoritarismo militar.

Ao empreendemos o nosso estudo, analisamos o conceito do gênero, crônica, sua especificidade e ressaltamos os cronistas em transição no quadro nacional, a seguir.

3 CONCEITO DE CRÔNICA: DE RELATO HISTÓRICO AO GÊNERO LITERÁRIO

Na proposta de análise textual estabelecida nesta pesquisa, não se pretende abordar um conceito fechado da crônica, porém buscar considerações sobre o aspecto multifacetado do referido gênero. A partir das reflexões acerca da crônica como gênero literário e de sua importância na divulgação de uma visão crítica, bem como formadora de opinião pública, relevante para o embasamento da leitura interpretativa do objeto literário selecionado para esta pesquisa.

Essa leitura que se liga à descoberta dos vários registros do discurso leva o leitor a interpretar cada passagem até atingir uma interpretação global, que o conduza, por fim, a uma determinada visão do mundo. (SÁ, 2005, p. 78).

Desta forma, desperta-se o leitor do mero contemplar da amenidade dos acontecimentos triviais, levando-o a ampliar os seus horizontes. A leitura crítica tem como objetivo afastar-se do consumismo imediato e buscar a fruição do leitor acerca do objeto literário, promovendo reflexões e o desenvolvimento do senso crítico.

Portanto, iniciam-se as apreciações sobre o conceito do gênero crônica no decorrer histórico, assim como a evolução e a transformação derivada do experimentalismo narrativo. Desse modo, a crônica assumiu o caráter de gênero à margem até que se estabilizou, propriamente, como texto escrito com qualidade literária.

No primeiro aspecto, observa-se a etimologia da palavra crônica. De origem grega *Khronikós*, derivado de *khrónos* (tempo) e do latim *chronica*, pressupõe o conceito tradicional do referido gênero que, desde a sua origem, constituiu-se em documentação histórica vinculada ao conceito de tempo. Ao analisar o traço histórico do gênero crônica, lembrado por Massaud Moisés (2012), destaca-se que ainda no princípio, na era cristã, a crônica era relacionada aos registros dos eventos ordenados segundo o tempo. Até que no século XII, a característica historiográfica da crônica aproximou-se da ficção literária, pois apresenta o olhar subjetivo e o recurso da fantasia.

Ainda na Idade Média, apreende-se na leitura do artigo “Crônica: nos limites da literatura” (DUTRA; COELHO; CAMPOS, 2012) que coloca Fernão

Lopes como o instaurador do *status* literário da crônica, sem a desvincular do aspecto temporal sucessivo, pois Fernão Lopes teve o cuidado de narrar os mínimos detalhes históricos e de produzir um texto elaborado e expressivo concretizado na subjetividade narrativa. Da mesma forma, Massaud Moisés (2012) afirma que graças a este aspecto duplo, histórico e literário, caracterizou a crônica de Fernão Lopes como inovadora, no sentido que promoveu a abertura do caminho para a produção de crônicas pelo viés de interpretações pessoais. Mas é somente na Renascença que a crônica perde a habilidade de datar acontecimentos, embora não rompa com o aspecto histórico em sua totalidade.

Cabe citar o estudo sobre a historicidade da produção de crônicas no Brasil realizado por Jorge de Sá (2005), em que sugere que a literatura brasileira se origina no gênero crônica. Em sua análise, o referido autor registrou que a identidade literária brasileira nasceu de uma circunstância, no momento em que Pero Vaz de Caminha apreendeu pela primeira vez o cenário brasileiro e o figurou como objeto literário. O autor português, embora não estivesse ciente de produzir o gênero crônica, contribuiu por meio do foco narrativo pessoal acerca da história do atribuído descobrimento do Brasil. Percebe-se que o texto apresenta impressões pessoais, uma linguagem elaborada e o recurso literário da ambiguidade:

De ponta a ponta é toda praia rasa e bem formosa. Pelo sertão, pareceu-nos do mar muito grande, porque a estender a vista não podíamos ver senão terra e arvoredos, parecendo-nos terra muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro (...). Mas a terra em si é muito boa de ares, tão frios e temperados (...). Águas são muitas e infundas. (...). Mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar essa gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar. (CAMINHA, 1982, p. 12 apud DUTRA; COELHO; CAMPOS, 2012, p. 2.808).

Na análise do objeto literário, ressalva-se que o autor construiu imagens com características fantásticas e impressões pessoais em relação à paisagem nativa e, assim, com a pena embebida de tinta em punho manifestou os primeiros escritos sobre a identidade brasileira. Ademais, a carta apresenta-se como uma crônica de viagem que, além do relato temporal, cria um trabalho fotográfico em palavras, ao descrever a nova paisagem visitada. Embora haja contestação em relação ao *status* da carta - como primeira obra literária brasileira liberta dos padrões lusitanos - o relevante é destacar o sentido literário do texto de Pero Vaz

de Caminha, “pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes” (SÁ, 2006, p. 5).

Neste viés, a carta se apresentou como uma narrativa em experimento, pois há inclusão de características novas que remetem aos aspectos histórico e literário concomitantemente. Além disso, compreende-se como princípio básico da crônica registrar o circunstancial em respaldo ao estudo de Jorge de Sá (1987), visto que a carta produzida pelo olhar do cronista Pero Vaz de Caminha registrou cada detalhe para empreender relevância e seduzir a corte portuguesa, impossibilitando o esquecimento.

Nota-se, contudo, que desde os primeiros indícios do exercício cronístico no Brasil, destaca-se a característica única da produção do gênero, específica da literatura brasileira, diferenciada e não vista nas demais literaturas, como aponta Massaud Moisés (2012) em consonância a Jorge de Sá (2006). O primeiro ainda afirma ser a crônica naturalmente brasileira, mais especificamente carioca, pois sua intensa produção teve como cenário a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Até se configurar como gênero crônica no Brasil na década de 1930, momento em que a produção da referida narrativa apresentou registros temporais com aspectos literários.

Ressalta-se também o folhetim, que tem origem no século XVIII, com o surgimento da imprensa. Neste veículo eram publicadas narrativas que divulgavam textos literários, como, por exemplo, o ensaio inglês e o folhetim francês, que contribuíram para a construção do gênero textual crônica. Como bem esclarece Paulo Cesar Konzen (2002)¹⁵ sobre a crônica brasileira derivar da fusão de ambos os textos:

A partir do ensaio, a crônica adota a noção de tentativa (essay), desprezando, em grande parte, os apelos do rigor acadêmico e levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados. Do folhetim absorve a visão “ficcional” dos eventos e termos descritos nesta forma literária. (KONZEN, 2002, p. 25, grifo do autor).

¹⁵ Autor do livro *Ensaio sobre a arte da palavra* que estudou temas que não constituem como foco de discussões no âmbito acadêmico brasileiro, tais como: a crônica, a comicidade, o pós-modernismo e Luis Fernando de Veríssimo. Como ressaltado no prefácio do livro, o estudo dos temas desfavoráveis contribuem para o projeto de renovação dos estudos literários, incorporando novos objetos e a revisão do cânone literário.

Do ensaio, a crônica adquiriu as características de estrutura simples, breve e linguagem familiar. De forma contrária, a crônica não demarca a noção do ensaio inglês ligado aos estudos crítico, histórico, filosófico, entre outros publicados em veículos relacionados à Academia. Por sua vez, as afinidades da crônica aliada ao folhetim são destinadas à publicação e ao consumo imediato, de modo distinto, pois descompromissada com a sucessão temporal.

No que se refere ao *feuilleton* que surgiu em 1799 na imprensa na França e no restante do mundo ocidental em 1836 como “folhetins”, cabe frisar que consistia em uma seção de jornal, espaço em que publicavam ensaios e críticas literárias, depois veio a se transformar em um recurso literário popular a fim de atender as necessidades da sociedade burguesa. Esse grupo social se destacou como maior consumidor desse tipo de texto, além de tê-lo utilizado para criticar a sociedade aristocrática, segundo a análise desenvolvida por Yolanda Maria Muniz Tuzino (2009).

O folhetim como um novo signo aproximou a literatura e o jornalismo, apresentava-se como narrativas curtas acerca dos assuntos diários da forma estratégica que prendesse e tornasse o leitor assíduo do objeto de informação. Os folhetins consistiam em tramas publicadas em diferentes capítulos com periodicidade, na nota de rodapé seja em jornais ou revista, da forma que cativasse e proporcionasse a busca pelo próximo capítulo por parte daquele que lia. O gênero textual tornou-se tão popular que chegou ao país na metade do século XIX.

No Brasil, o momento histórico de 1830 até 1850, começou a desaparecer os meios de informações políticas à medida que o propósito era consolidar o regime feudal e escravagista. Desta forma, passou-se a valorizar o entretenimento justificado pelo interesse da burguesia, uma classe social consumidora da leitura. Em meio aos noticiários, configura-se o folhetim como espaço para registro de amenidades lúdicas.

Observa-se que antes de ser designada propriamente como crônica foi folhetim, cuja estrutura se dividia em folhetim romance e folhetim variedades, deste último destaca-se o estilo que deu origem à crônica. O espaço dedicado ao folhetim consistia em notas de rodapé, como delimitado por Antonio Cândido “A vida ao Rés-do-chão”. Cabia ao folhetinista relatar com um olhar sensível e certa liberdade expressionista acerca dos acontecimentos socioculturais no semanal

carioca com a finalidade de entreter. Mesmo que a crônica-folhetim se apresentasse como uma narrativa com características fictícias que remete à fantasia, Paulo Cesar Konzen (2002) ressalva que era mais noticiosa do que propriamente literária por contemplar relatos de acontecimentos.

A imersão da literatura no espaço jornalístico possibilitou a democratização de leituras limitadas, até então, a um determinado grupo social para um número maior de leitores e de diferentes classes. A crítica literária Aline Cristina de Oliveira (2012) chama atenção para a popularidade das crônicas oitocentistas e atribui isso ao público feminino, pois as leitoras era um dos maiores grupos consumistas do objeto literário, fator que influenciava no conteúdo e na abordagem do cronista. Neste aspecto, a popularidade do gênero crônica incentivou as transformações sociais e literárias, pois o aumento e a variedade de leitores provocaram uma intensa produção do gênero, possibilitando a oportunidade e a notoriedade dos autores por outro veículo além do editorial.

O folhetim foi largamente utilizado na imprensa brasileira pelos literatos José de Alencar e Machado de Assis, ainda com viés histórico. Afrânio Coutinho (2003) coloca Machado de Assis como o precursor da escrita de crônicas com personalidade e qualidade literária, pois, como praticante da crônica-folhetim, apresenta o trabalho experimentalista na sua produção do signo literário, no sentido que sua escrita desobriga o relato semanal e a identificação temporal.

Machado de Assis emprestou o seu olhar perspicaz sobre assuntos diversos para estabelecer um diálogo com o leitor, foi um dos escritores que mais utilizou o gênero literário como experimentalismo narrativo (DUTRA; COELHO; CAMPOS, 2012). A liberdade expressiva do autor concretiza uma produção que sempre inclui o leitor, conforme Paulo Cesar Konzen (2002). As crônicas de Machado de Assis assumem como aspecto basal a excitação ao leitor, exigindo a sua participação, seja como personagem aliado ou adversário, estabelecendo um constante diálogo entre o escritor e o leitor. Neste sentido, destaca-se a contribuição das propostas de recursos textuais de Machado de Assis como características marcantes para a história da crônica brasileira. Apreende-se a visão do autor sobre o consumismo do novo na leitura da crônica publicada em 7 de janeiro de 1862:

Bem se podia comparar o público àquela serpente – deus dos antigos mexicanos – que, depois de devorar um alentado mamífero, prostra-se até que a ação digestiva lhe tenha esvaziado o estômago; então o flagelo das matas corre em busca de novo repasto, emborça novo animal pela garganta abaixo e cai em nova e profunda modorra de digestão. Esquisita que pareça a comparação, o público é assim. Precisa de uma novidade e de uma grande novidade; quando lhe aparece alguma, digere-a com placidez e calma, até que desfeita ela, outra lhe fica ao alcance e lhe satisfaz a necessidade imperiosa. Como o réptil monstro de que falei, o público não se contenta com os manjares simples e as quantidades exíguas; é-lhe preciso bom e farto mantimento. (ASSIS apud OLIVEIRA, 2012, p. 199).

Na apreciação da leitura da crônica, percebe-se que o narrador relata sobre o interesse do leitor apressado e sempre ansioso por algo novo que se relaciona com a oportunidade do cronista reportar novidades ao leitor a cada semana. Portanto, retrata o trabalho e a criatividade do escritor em busca de sanar esta carência, ao construir o texto que se apresenta literário, passível de interpretação, abstendo-se da atividade de apenas retratar o cotidiano. Neste aspecto, observa-se a concretização do gênero crônica a partir do folhetim.

A crônica enquanto gênero literário surgiu em meados do século XIX, devido à acessibilidade por meio do jornal, pois consistia em um resumo dos acontecimentos semanais suscetível de inovações construídas em linguagens simples e em tom leve e bem humorado que culminou na aceitação do leitor. Percebe-se o quanto que o gênero crônica por ser de fácil circulação e rápido consumo representou o contexto sócio-histórico, no momento em que surgiu o maquinário que proporcionaram informativos capazes de retratarem rapidamente os acontecimentos e ascendia uma sociedade capitalista, consumista e fragmentada.

Visto que as crônicas são derivadas do folhetim e tratadas como laboratório literário por seus praticantes, nelas os autores relataram suas impressões pessoais e os acontecimentos que os cercam a partir da metade do século XIX. Cabe ressaltar o mesmo tratamento no início do século XX, porém se aprimorou na década de 1930, período em que a crônica se consagrou como gênero literário, momento em que culminou a proposta do Modernismo sobre a criação e reconstrução do objeto e do conceito artístico que representasse a identidade brasileira e não a reprodução de padrões europeus. Sob este aspecto, a crônica surgiu como uma resposta propícia à democratização e à versatilidade da arte.

Até surgirem as crônicas modernas no século XX, cuja característica fundamental está estritamente ligada ao sentido literário, de alcance temático além das amenidades diárias e distantes da historicidade, desta forma exige uma observação acerca dos seus limites. Visto que, na modernidade, estabilizou-se como literatura urbana, dada as suas características formais, configurou uma narrativa sobre o foco subjetivo e que refletia os incidentes diários impregnados de elementos expressivos de forma que se apresentasse nos limites da literatura. Ampliou também o acesso ao universo literário, até então sacralizado.

Entre as apreciações acerca do gênero crônica ressalta-se o seu caráter híbrido ou “gênero anfíbio” proposto por Afrânio Coutinho (2003), capacidade do gênero transitar nas páginas dos jornais, revistas, no caso dos programas de rádio - minutos de narrações diárias - para as páginas do livro. Em face disso, o cronista produz um texto com mais liberdade e diversificado, entre o real e o ficcional, entre o noticioso e o literário.

Na percepção da crônica como gênero híbrido fala-se como ponto principal sobre o que se perde e as alterações textuais dessa transição entre o jornalismo e o literário. Mesmo ciente da ressalva de Afrânio Coutinho (2003) sobre a negação que o livro proporciona qualidade literária para qualquer escrito, entende-se que a seleção dos objetos literários ordenados em uma coletânea possibilita uma oportunidade de dinamização dos estudos literários acerca do gênero.

Atenta-se para o fato de que as transformações sofridas pelo gênero no decorrer histórico contribuíram para a dificuldade de conceituá-lo, como abordado pela crítica Aline Cristina de Oliveira (2012). Porém, é visto com bons olhos pelos autores Massaud Moisés (2012), Jorge de Sá (2005) e Eduardo Portella (2004), o caráter híbrido da crônica por ter possibilitado a produção de um gênero autônomo, dotado de inovações próprias. A crônica por apresentar-se como gênero “entre”, constituindo-se como característica principal a informalidade. Assim Afrânio Coutinho (2003) conclui que realmente esse gênero se quer “entre”, ainda mais observadas as crônicas modernas que se apropriaram de fatos reais como pretextos.

Ao se falar de crônica exige-se uma apreensão dos conceitos que proporcionem uma melhor compreensão acerca das características acrescidas na

evolução do gênero e ofereçam parâmetros para análise literária das narrativas selecionadas para esta pesquisa.

Massaud Moisés apresenta o conceito de crônica como “uma atividade digestiva, marcada pelo signo da pressa e da subjetividade” (MASSAUD, 2012, p. 627), pois a depender do veículo em que é publicada, seja jornal, revista ou rádio, a crônica é um relato de um acontecimento trivial, não com o objetivo de informar, mas de transcender o dia-a-dia, sendo possível a recriação do cotidiano por meio da imaginação do cronista e apresentando-se marcada por recursos estilísticos como a metáfora, o que a distancia da notícia informativa e a aproxima do caráter literário.

Na perspectiva de Antonio Cândido a crônica pertence ao *rés-de-chão*, “ela representa aquele que fala do âmbito terreno, não mais do alto da montanha” (1992, p. 14). Embora tenha sido tratada como um “gênero menor”, o autor ressalta – não para desqualificar e sim valorizar – que na crônica, “tudo é vida e motivo de reflexão e experiência, demonstrando no simples fato, algo grandioso, belo e singular, o que aproxima a crônica da verdade e da poesia pelo convívio íntimo às palavras cada vez mais poéticas, tornando-se cada vez mais próxima de nós” (CÂNDIDO, 1992, p. 15). No tocante à temática simples e ao aspecto breve do texto em crônica, Antonio Cândido (1992) apresenta que a crônica pode assumir caráter de texto literário, divergente do padronizado, possibilitando maior acessibilidade do leitor a uma visão humana e complexa da vida.

Após o trabalho de apresentação dos caminhos percorridos pela narrativa cronística até ser consolidada como objeto literário, evidenciou-se diferentes matizes impressos na crônica conforme o momento histórico. Na Idade Média, algumas narrativas cronísticas apresentavam registros temporais em sequências ordenadas. Período que na literatura brasileira, de forma não nomeada a crônica teve o nome associado ao registro da circunstância em palavra sobre os aspectos pictóricos das terras brasileiras, contribuindo para legitimar a identidade nacional. Apresentou-se com aspectos próximos do ensaio e o do folhetim, uma oscilação entre o factual e o fictício no século XIX. Na década de 1930, a crônica surgiu como resposta para a proposta do movimento de efervescência cultural modernista, como registro do cotidiano com qualidade literária, isto propiciou o surgimento de novos objetos e métodos para ampliar os estudos literários.

Destarte, consoante com a análise da crítica literária Yolanda Maria Muniz Tuzino (2009), que sugere que o gênero crônica está ligado ao sentido etimológico do termo, mesmo no passado com o registro histórico de eventos como no momento atual acerca do flagrante do instante presente, sendo que na crônica há sempre um resgate do tempo mesmo na ficção. Observam-se, então, as transformações ocorridas e o caráter literário da crônica moderna, bem como o fato desta se apresentar associada ao tempo.

3.1 O *status* literário da crônica moderna

Concorda-se com as colocações de Marcelo Pessoa acerca do conceito de crônica, do que esta tem a nos ensinar desde o percurso da crítica à práxis:

Nas observações biográficas e históricas sobre os precursores da crítica literária brasileira, verifica-se que os discursos sobre a crônica, do modo como a entendemos enquanto vertente literária, atinge seu ápice de maturidade em meados do século XX. Seu apogeu deu-se fundamentalmente com a cisão com o seu passado de “crítica de rodapé”. A chamada prática da “crítica de rodapé”, gênero embrião e, portanto, aparentado da crônica e do ensaio, embora confeccionada com o propósito específico de defender ou digladiar com a produção cultural de sua época de circulação mais pujante, ao mesmo tempo em que fomentava debates socioculturais acirrados não deixou de fazer uma crônica histórico-literária e cultural bastante paradigmática de toda uma geração de intelectuais no Brasil. (PESSOA, 2013, p. 51).

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela valorização de outros modos de expressão que visavam romper com os padrões tradicionais. O idealismo moderno ansiava por uma literatura popular que englobasse o cotidiano, reinterpretando a vida presente e o progresso. A produção do gênero crônica, a partir do meio de comunicação, surgiu para corresponder às necessidades de informação do novo contexto e contribuiu para o incremento literário. A própria estrutura da crônica, a sua extensão, a proposta de diálogo com o leitor constituíram em popularidade no gosto do leitor.

Por meio da imersão dos textos cronísticos no início do século XX, foi possível aos leitores o conhecimento de textos fora dos padrões preestabelecidos, bem como uma visão humana concebida pela literatura que incentivava a reflexão e crítica acerca dos acontecimentos adjacentes ao contexto social em que se encontravam.

Observa-se na produção de crônicas das décadas de 1930 até 1950 o fito de despertar no leitor o senso crítico, fosse por meio do apelo emotivo, da ironia, da comicidade ou outro viés concebido pelo autor para transmitir a sua mensagem. Em respaldo ao estudo crítico de Jorge de Sá referente aos cronistas deste período, estes desejavam ser “antena do seu povo”, para isso exploraram as habilidades da língua buscando uma escrita literária que provocasse os sentidos, promovesse reflexões “descortinando para o público uma imagem ignorada por completo” (SÁ, 2005, p. 10). De forma que atraiu o público leitor pela linguagem simples, entretanto, proporcionou o educar moral e social.

Neste sentido, o incremento das crônicas revelou-se um recurso narrativo importante de resgate da identidade nacional. A crônica moderna – por apresentar características como a pequena extensão e a fácil leitura – parece atender à demanda da sociedade contemporânea situada em grandes centros urbanos, marcados pela velocidade do consumo e da informação.

A crítica literária Aline Cristina de Oliveira expõe a crônica moderna como aquela que “começou a ilustrar as incertezas, as angústias e as inquietações do homem num ambiente urbano que refletia os sintomas de uma sociedade capitalista seduzida pelo consumo e pela fugacidade da vida moderna” (OLIVEIRA, 2010, p. 201). Portanto, a autora correlacionou à produção cronística moderna como reflexo do contexto social, sublinhando características e efeitos estéticos no texto como metáforas que remetiam aos temas de fragmentação social e ao aspecto da efemeridade da sociedade moderna.

O triunfo da crônica desvinculada da crítica em nota de rodapé se deu nos anos de 1940 e 1950, momento que configura uma produção da narrativa cronística com aspectos literários e atrelados à crítica sociocultural, escrita por autores não especializados que emprestaram à crônica, particularidades variadas, tais como: um tom entre a crônica e o noticiário puro e simples; o cultivo da eloquência a fim de convencer os leitores e adaptação às exigências da sociedade da época, como o entretenimento, redundância e leitura fácil. As crônicas modernistas se:

(...) convertiam num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, largamente desconhecido dos seus próprios habitantes, caracterizado pelo desenvolvimento histórico desigual, de modo que o processo de modernização podia ser acompanhado pelos contrastes entre bolsões de propriedade e vastas áreas de mistura com traços

remanescentes de velhas estruturas da sociedade tradicional. (...) Provinciana e moderna a uma só vez, a crônica modernista revela uma tensão contínua entre tempos diversos e espaço heterogêneo, fundindo numa língua complexa, componente e discrepante, provenientes de forma distintas, mas mescladas. (ARRIGUTTI JR., 1987, p. 63 apud KONZEN, 2002, p. 35).

Apreende-se que a crônica moderna literária tinha como proposta uma releitura da realidade brasileira, expandindo os horizontes literários em ambos os aspectos formal e temático. Destaca-se a crônica modernista na formação da “brasilidade”, colaborando com a aplicação de novos elementos que assinalou o caráter híbrido do gênero.

Massaud Moisés (2012) propõe que a crônica possui característica tipicamente brasileira desde a carta escrita por Pero Vaz de Caminha. Ainda baseados no modo como desenvolveu o gênero nos anos 1930, Massaud Moisés e Antonio Cândido (1992) relatam o espírito da crônica especificamente carioca, pois não há forma semelhante em nenhuma outra literatura, salvo por influência dos próprios escritores brasileiros na literatura moderna portuguesa.

Na apreciação do aporte teórico quanto ao conceito do gênero crônica, observa-se como se apresentam em caráter misto, multiforme, perdendo-se o enfoque de uma análise absolutista, no sentido que o estudo busca apreciar as características literárias da obra e não apontar elementos definidores como priores e pertencentes ao gênero conforme estudos literários estabelecidos. Visa também à dinamização dos estudos e à revisão dos cânones na área de letras, conforme propõe o estudo de Paulo Cesar Konzen (2002).

Confirma-se a proposta de Jorge de Sá (1987), sobre a transição do meio de publicação, embora haja alterações de referenciais, seja pelo o enquadramento e a disposição da crônica no meio de comunicação, envoltas de outras notícias, em que o relevante não reside na alteração do texto, mas na alteração da atitude do leitor. Portanto, nessa acepção, o autor salienta que a leitura sobre a referida narrativa curta liberta de referenciais, abrindo os caminhos para múltiplas interpretações.

Percebe-se a complexidade de conceituar o gênero crônica e as multiplicidades de variações relacionadas a outros gêneros, bem como suas transformações no decorrer histórico. É válido ressaltar a diversidade de características apresentadas na crônica.

3.2 A crônica literária: característica e tipologia

Após as considerações sobre o aspecto híbrido da crônica, percebe-se quão móveis são a sua estrutura e temática, configurando um gênero “entre”, sem limites e em construção. Entende-se a natureza do gênero crônica relacionada “à flexibilidade, à mobilidade e à irregularidade” (COUTINHO, 2003, p. 123). Bem como, reafirma-se a crônica, como exemplo da aceção de Massaud Moisés, ao reconhecer a inexistência de gêneros puros e propor a classificação do gênero na forma “horizontal, na vertical e na diagonal” (2012, p. 71), assim como a todo tipo de correlações. Deste modo, contemplam-se as considerações sobre as características e as tipologias da crônica próximas da relação com outros gêneros.

Entre as características basilares do gênero crônica arroladas por Massaud Moisés citam-se: “Brevidade, ambivalência, subjetividade, diálogo, estilo entre oral e literário, temas do cotidiano, ausência de questões transcendentais, [...] a efemeridade” (2012, p. 638). Concorde-se com a crítica literária Christina Ramalho (2010), que classifica as aludidas características como inerentes e fáceis de serem identificadas, sendo a linguagem, contudo, que atribui à crônica a qualidade literária, no momento em que esta lança mão do referencial e constrói uma dimensão simbólica. Para a análise da crônica é preciso atenção à característica do hibridismo, em especial à linguagem, e entender o processo de abordagem dos fatos corriqueiros e o alcance de amplas representações simbólicas, elevando o patamar da crônica como literária.

Analisa-se ainda o primeiro aspecto que condiz que o exercício cronístico, que se apresenta, no geral, como breve, por requisito obrigatório do veículo no qual circula, seja em jornais, revistas ou rádios. Os meios de comunicação são momentâneos, instantâneos e de abordagem direta, dirigem-se a leitores vorazes, assim sendo as crônicas não se apresentam distante desses mesmos aspectos. As narrativas cronísticas são fugazes e concretizadas na sintaxe desestruturada e solta, tal como uma conversa informal e o uso de recursos linguísticos lembra a oralidade.

A brevidade dos textos não sugere ser mais fácil de serem produzidos, pelo contrário, o usar de simplicidade pode se revelar um caminho árduo, como lembra Jorge de Sá (2005), em virtude da possibilidade de ser confundido como

um texto vulgar ou despojado de técnica narrativa. Nesse aspecto, para produzir uma narrativa curta, o cronista deve possuir características e sensibilidade especiais para narrar o mundo e despertar o olhar para o algo mais em relação ao que está escrito.

A narrativa cronística perpassa os sentidos conotativo e denotativo, proporcionando uma multiplicidade de interpretações. O texto é dotado de sentido ambíguo concretizado pelas figuras de linguagem que manifestam o sentido poético, ambíguo e de metalinguagem. A ambiguidade representa uma propriedade fundamental da crônica que a distingue como um gênero literário e não como um mero relato impessoal de incidentes histórico-sociais.

A crônica se apresenta entre o texto escrito e a oralidade, aspecto formal inerente que constrói um convite ao diálogo entre o cronista e o leitor. Cabe frisar que:

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre uma determinada circunstância. (SÁ, 2005, p. 11).

Jorge de Sá (2005) expõe a habilidade de o cronista proporcionar o lirismo reflexivo, ao abordar um instante brevíssimo e ao figurar em um diálogo sobre a complexidade das agruras e alegrias da vida. Neste aspecto, destaca-se e interessa o caráter circunstancial da vida para a crônica, de modo a possibilitar uma reflexão, uma visão crítica para o algo a mais. O cronista empresta uma voz lírica reflexiva à crônica que guia o leitor além da realidade, possibilitando um repensar constante pelo crivo da emoção aliada à razão.

O foco subjetivo concretizado pelo processo narrativo em primeira pessoa do singular assinala um diálogo com o leitor como um processo natural, imprimindo um caráter intimista a este tipo de narrativa. Sob esta ótica, Carlos Drummond de Andrade apresentou como um *monodialogo* (DRUMMOND apud MOISÉS, 2012, p. 628), ao mesmo tempo, há um monologo e diálogo, pois o enunciador narra sua cosmovisão como espetáculo oferecido diretamente ao leitor ideal, no caso o leitor diário. Nesta observação muitos críticos ressaltam características poéticas na crônica atribuídas ao foco narrativo. Entretanto,

percebe-se que a subjetividade da crônica é confundida com a interioridade do poema, para maior esclarecimento, fundamenta-se no aporte teórico de Carlos Reis (2001) de que a subjetividade consiste em um narrador que se exterioriza, faz de si próprio espetáculo para o leitor; e, por sua vez, a interioridade, consiste no eu-lírico ao enunciar a forma que vê o mundo e se voltar para si próprio.

Ao diferenciar a poesia e a prosa, Massaud Moisés explica que a poesia tem por objeto o “eu” e a prosa o “não-eu” (MOISÉS, 2012, p. 85). A poesia representa o “eu” como espetáculo e expectador, ao mesmo tempo exprimindo os assuntos complexos do “eu profundo”. A prosa é expressão do “não-eu”, em que o sujeito busca interesse na realidade exterior, o que interessa é os outros “eus” e os objetos no mundo físico. Desta forma, entende-se a crônica como prosa que expressa o “não-eu”, apresenta o narrador em primeira pessoa interessado em expressar o outro, o mundo exterior. Como bem lembra a crítica literária Christina Ramalho (2010) em relação à dimensão poética da crônica, para quem não significa que essa narrativa esteja estritamente ligada à poesia, pois a ficção visa atingir o poético pela simbologia dos elementos da narrativa, como o enredo, os personagens e outros.

A crônica por se exibir sob o foco narrativo pessoal nunca é a mesma, embora se o relato se dê a partir do mesmo conteúdo, visto que há uma variedade temática inspirada no cotidiano, que se mantém em metamorfose. Como também, apreende-se que não há dois cronistas semelhantes, as perspectivas narrativas variam em tons melancólicos, críticos, irônicos, otimistas e pessimistas disseminando a diversidade do fazer cronístico. Neste sentido, a crônica é um gênero literário que proporciona uma familiaridade e convivência com outras situações e pessoas, sugerindo uma negativa da visão pragmática que possibilita uma reflexão além de nós mesmos e, conseqüentemente, a compreensão do outro.

A proposta de leitura das crônicas radiofônicas de Cecília Meireles nesta dissertação é fundamentada no procedimento metodológico de Carlos Reis, em que “o texto literário configura um universo de natureza **ficcional**” (REIS, 2003, p. 169, grifo do autor) com dimensão e índice de particularização muito variável; simultaneamente evidencia uma considerável coerência. Portanto, o produto ficcional tanto é assegurado pela coerência semântica como pela composição técnica formal não de maneira ocasional, mas determinadamente estruturado.

Depreende-se do estudo de Carlos Reis (2003) que o discurso literário não se constrói apenas pelas características internas, como também pelo trabalho elaborado do autor de forma que evidencie a sociedade e a cultura de sua contemporaneidade ou do passado. Neste sentido, visa perceber a forma criativa adotada pela autora na produção textual que permite diversas leituras que traz consigo um significado sociocultural.

Entende-se a crônica como uma narrativa em primeira pessoa do singular, uma escrita de si que correlacionamos não ao autobiográfico, mas a uma autoficção, como bem marca Diana Klinger (2012), uma narrativa híbrida, na qual a ficção em si tem como referente o autor, não mais como pessoa bibliográfica e sim como personagem construído discursivamente. Identificamos na construção no discurso da narradora, características sugeridas por esta como, por exemplo, indagações a respeito da subjetividade e do posicionamento de forma crítica perante os seus modos de representação.

Aceita-se também que “o texto literário deve ser entendido como entidade **pluristratificada**, ou seja, construída por diversos níveis de expressão” (REIS, 2003, p. 169, grifo do autor). Uma vez que é formado por elementos diversos articulados entre si, constituindo “uma entidade orgânica e polifônica” (REIS, 2003, p. 177). O texto visto como polifônico possibilita a dinamização de leitura interpretativa, no sentido que a narrativa aborda um enredo em um determinado contexto, ao correlacionarmos os recursos internos e externos do texto, entendemos como o tema é apresentado e pode ser relacionado a diversos outros contextos, permitindo a ampla fruição ao leitor.

Na crônica, há apreciação de temas pequenos, simples e diários, qualquer tema pode ser objeto de observação, o assunto é irrelevante, pois importa a qualidade literária do texto em despertar o senso crítico no leitor. Os textos em crônicas se apresentam comunicativos e leves por influência da publicação na imprensa e, deste modo, configura-se como um texto de curta duração e uma tendência à multiplicidade temática. Seus praticantes, por sua vez, têm a convicção de que é para serem desintegrados, mas anseiam antes proporcionar ao leitor uma opinião, uma reflexão, críticas e, até mesmo, educar por meio de mensagens moralizantes, humorísticas ou irônicas.

De modo diferente, do meio informativo em que circulou, a crônica se alimenta do referencial diário, mas com objetivo de transcender, aspecto

concretizado pelos recursos metafóricos, essenciais a obra literária. Sobressaímos, especificamente, a linguagem polissêmica da crônica, pois acentua o caráter híbrido da crônica, a maneira como se apresenta ao mesmo tempo de forma direta, espontânea, jornalística e literária.

As variações no exercício da crônica apreendem-se entre os aspectos coloquiais e os aspectos literários, talvez um aspecto menos presente que outro, porém “oferta ao leitor uma imagem de ‘alma gêmea’ a exprimir a sua intimidade e a esboçar, simultaneamente, o relato de certo meio social” (MOISÉS, 2012, p. 637). O que entendemos quando Massaud Moisés (2012) propõe as crônicas com ausência de pontos transcendentais é o fato de a crônica se alimentar de incidentes cotidianos “rasteiros”, não possibilitando, portanto, a transcendência que exige uma leitura complexa e uma inteligência crítica. Mesmo construída para ser uma narrativa instantânea e perecível, a crônica, mesmo que por um instante, faz-nos dialogar, discutir e refletir sobre o nosso tempo.

Visto a dificuldade de conceituar e uniformizar o gênero crônica atribuído ao aspecto móvel e à liberdade de apresentar-se em narrativa que se deixa flutuar entre os gêneros literários. Yolanda Maria Muniz Tuzino (2010) explanou que alguns autores preferem categorizar o gênero crônica com os seguintes critérios: seja por tema, conforme Afrânio Coutinho (2003), que pode ser crônica-narrativa, crônica metafísica e crônica-poema; seja pela estrutura na narrativa proposta por Antonio Candido (2002), em que o gênero assume-se como crônica-diálogo, crônica narrativa; crônica com exposição poética e crônica biográfica. Cabe frisarmos as tipologias de crônicas apresentadas por Massaud Moisés (2012), que associa as especificidades das crônicas a outros gêneros, tais como próximos do ensaio, da poesia e do conto.

A proximidade da crônica em relação ao ensaio está relacionada à liberdade de expressar acerca de inúmeros assuntos, registra a variação emocional do cronista, mas sem o objetivo de convencer. Já a crônica tende para a poesia ao explorar o “eu”, ao mesmo tempo em que é narrador e assunto, da mesma forma que um ato poético. O cronista metamorfoseia o cotidiano de modo singelo, saudoso. Por outro lado, a relação entre a crônica e o conto, remete ao texto voltado para o acontecimento exterior ao cronista, fruto de suas observações, voltada para o “não-eu”. A crônica quando se aproxima do gênero conto corre o risco de constituir uma tentativa literária para o fato verídico.

Deste modo, aceita-se a afirmação de Paulo Konzen (2002) sobre a crônica apresentar-se em espaço heterogêneo com afinidades com o ensaio, conto e poema, mas também se afirmar na diferença entre eles. Ao compreender os limites entre os gêneros, também se compreende as suas possibilidades e multiplicidades.

O gênero crônica é marcado pelo caráter híbrido, pois intercala entre a efemeridade do meio informativo e o perpetuar-se no livro. O autor Massaud Moisés que (2012) destaca a notoriedade crítica da crônica somente após a publicação em livro, por meio deste o gênero ultrapassa os limites de seu veículo original. Aspecto que contribuiu para solidificar como objeto literário e *status* de modernidade, devido à miscigenação dos gêneros requerida pela teoria moderna que não engessa autores em regras literárias, em respaldo à crítica Aline Cristina de Oliveira (2012). A crônica, então, veio revitalizar na década de 1930 as ideias modernas conforme os grandes autores que a praticaram. As palavras de Ferreira Gullar em *A crônica* ao enfatizar as múltiplas características que prevalecem na crônica conforme os cronistas:

Mas a janela está aberta e o dia balança suas folhas e suas toalhas nesta manhã de Ipanema. Rubem Braga meteu na crônica as flores, as borboletas e, mais recentemente, um pavão. Bandeira e Drummond, uma ironia fina, alegre e triste, enquanto Fernando Sabino a tornou veloz e estonteante, cheia de casos, tudo com um delicioso ar de mentira. (GULLAR, 2004, p. 15).

Seja a poesia, o humor, a ironia, o drama, entre outros tons que constroem a prosa ligada diretamente relacionada à realidade cotidiana. Ferreira Gullar apresentou elementos ficcionais que enriqueceram e tornaram prazerosos os textos em crônicas. O conceito de crônica é variado conforme as múltiplas características que sugerem miscigenações entre os gêneros somadas às subjetividades dos seus praticantes em termos de literatura brasileira. Assim sendo, convém observar os cronistas em transição que proporcionaram o estilo estritamente literário às crônicas, conforme suas escritas e especificidades em características. É relevante entender as produções de crônicas e o contexto dos cronistas renovadores e a diversidade de estilo.

3.3 Cronistas em transição

Nota-se que os conceitos teóricos de Carlos Reis (2003) e Umberto Eco (1991) delimitam o *corpus* literário não como um produto somente da autoridade do artista, fixa e fechada em si; entretanto configura uma *cosmovisão* do autor relacionada à tradição estética e ao universo sócio-histórico inserido. Apreende-se o texto literário como o resultado da interação entre história, código e informação, por isso, analisa-se o contexto histórico-social em que se encontra inserido a fim de entender como o objeto literário em estudo se posiciona na percepção extratextual relacionado a outros autores e sua forma de ver o mundo por meio das suas produções.

Carlos Reis (2003) considera que “o texto literário compreende uma dimensão virtualmente **intertextual**, na medida em que é possível relacioná-lo com outros textos que com ele dialogam e nele se projectam” (REIS, 2003, p. 169, grifo do autor). Aborda-se o texto literário como uma produção dialógica relacionada a outras práticas ficcionais, não como característica negativa dessa criação, mas para verificar como determinada produção se concretizou por meio de certa referência a outro(s) texto(s). Reconhecem-se os aspectos intertextuais como palavras-chaves proporcionadas pelo autor para guiar o leitor a descobrir o jogo inserido nas produções literárias.

Aceita-se, também, a proposta do teórico Umberto Eco, ao salientar a pertinência sócio-histórica na produção artística, bem como a tradição estilística, conforme suas próprias palavras:

Uma obra de arte, ou um sistema de pensamento, nasce de uma rede complexa de influências, a maioria das quais se desenvolve ao nível específico da obra ou sistema de que faz parte; o mundo interior de um poeta é influenciado e formado pela tradição estilística dos poetas que o procederam, tanto e talvez mais do que pelas ocasiões históricas em que se inspira sua ideologia; e através das influências estilísticas ele assimilou, sob a espécie de modo de formar, um modo de ver o mundo. (ECO, 1991, p. 34).

Já no artigo “Crônica: um gênero menor? Indagações acerca do texto litero-jornalístico”, depara-se, na conclusão, com a pergunta da crítica Aline Cristina de Oliveira:

O gênero menor caiu como uma luva às crônicas devido sua efemeridade, como temas mundanos e simplicidade por que não

lhe caberia o título de alta literatura, considerando seus praticantes e sua propagação ao longo do séculos? (OLIVEIRA 2012, p. 17).

Pensando nas afirmações dos teóricos e no questionamento da crítica literária, é relevante ressaltar os praticantes que contribuíram para a notoriedade da crônica, em especial àqueles que a aproximaram da qualidade literária, como: João do Rio, Rubem Braga, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira. Autores já consagrados em outros gêneros, que também se dedicaram à crônica, juntamente com Cecília Meireles, também inserida no grupo desta produção literária.

Entre os autores que abraçaram esse “gênero menor” e o tornaram relevante a partir de suas sensibilidades e destreza ao narrar às trivialidades do cotidiano, destacam-se neste estudo: João do Rio, Rubem Braga, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Ao eleger os referidos autores, busca-se demonstrar algumas nuances sobre o fazer cronístico como gênero literário nas décadas iniciais do século XX, sob uma variedade de tons emocionais que contribuíram para o caráter multiforme e ampla produção da crônica moderna.

João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921), cujo pseudônimo é João do Rio, foi o antecessor de todos os cronistas. Ele escreveu crônicas no período em que se estabelecia a República, embora com características ainda resultantes do imperialismo. Ele inovou os comentários em nota de rodapé acerca das notícias diárias com características ficcionais e, desta forma, o texto mescla a reportagem e o conto. Foi um praticante e inovador do folhetim, pois conforme a percepção das mudanças sociais construía uma nova forma de investigar e informar, mudando o enfoque e a linguagem, bem como a própria estrutura do folhetim. “João do Rio consagrou-se como um cronista mudando por excelência, dando a crônica uma roupagem mais literária” (SÁ, 2005, p. 9).

No artigo intitulado “As crônicas de João do Rio e as facetas urbanas do feminino”, a crítica literária Luiza Iolanda Cortez (2012) faz uma análise de três crônicas de João do Rio, apreendendo uma visão sobre a exploração e exclusão imposta à mulher no espaço urbano. Observa-se o trecho da crônica “Mulheres detentas”:

— Quantas presas?

Há atualmente cinquenta e oito, divididas por três salas, uma das quais é enfermaria. À falta de lugares, a promiscuidade é ignóbil nesses

compartimentos transformados em cubículos. A maioria das detentas, mulatas ou negras, fúrias da última classe, são reincidentes, alcoólicas e desordeiras. Olho as duas salas com as portas de par em par abertas e fico aterrado. Há caras vivas de mulatinhas com olhos libidinosos dos macacos, há olhos amortecidos de bode em faces balofas de aguardente, há perfis esqueléticos de antigas belezas de calçada, sorrisos estúpidos navalhando bocas desdentadas, rostos brancos de medo, beijos trêmulos, e no meio dessa caricatura do abismo as cabeças oleosas das negras, os narizes chatos, as carapinhas imundas das negras alcoólicas. (RIO, 2011, p. 227).

O trecho do texto apresenta características negativas do espaço segregado com linguagem direta e simples, sugerindo figurar a expressão oral e descrevendo personagens com recursos de metáforas que remetem à degradação da mulher. A estratégia do autor, ao enumerar diferentes personagens marginalizados, visa chocar e denunciar as mazelas, doenças e degeneração de uma sociedade capitalista, principalmente em relação ao ser feminino.

Concorda-se com a crítica Luiza Iolanda Cortez (2012) que este processo de retirar a venda dos olhos do leitor utilizado pelo autor leva a uma compreensão da situação e, conseqüentemente, a uma luta por meio da consciência crítica que reivindica uma sociedade mais justa e igualitária. Tal como exemplo do *corpus* literário ilustrado, João do Rio figurou como tema os mais singulares personagens, apontando as transformações sociais e ausência moral da cidade carioca moderna, antecipando características do modernismo.

Após João do Rio, surge Rubem Braga (1913-1990), que começou a escrever crônicas políticas no início dos anos 1930. Rubem Braga se dedicou somente ao exercício cronístico ao apreciar os momentos breves que fazem parte da condição humana e representá-los em narrativas curtas. Suas produções apresentavam uma visão crítica e postura de oposição ao Estado Novo, chegando mesmo a ser preso algumas vezes. Por esta razão é considerado um dos maiores cronistas brasileiros desde Machado de Assis, provando que qualquer tema pode ser inspiração para a crônica.

Rubem Braga é apresentado na análise de Jorge de Sá (2005) como o “cronista-mor” que enriqueceu os recursos literários da crônica, de forma que não registra o simples formal, mas explora a função poética da linguagem. Entre os principais personagens, temas e cenário abordados em suas crônicas, configura-se a cidade do Rio de Janeiro e seus quatro cantos. Trata-se de um cronista que

focaliza a vida, a escrita de si mesmo, particularidades em forma de polissemias que se reporta às situações universais, “o que permite que façamos da leitura uma forma de catarse e empatia” (SÁ, 2005, p. 17).

Entre as características dos seus textos elencadas por Jorge de Sá tem-se o despojamento verbal estruturado de forma direta e sem adjetivações. “Rubem Braga explora, assim, toda a polissemia das palavras, encaixando-as na frase como quem desenha o mapa de algum tesouro, a ser descoberto pelo leitor” (SÁ, 2005, p. 14). Observa-se as referidas características na mais famosa entre as suas crônicas, “O pavão”:

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerarei, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico. (BRAGA, 1999, p. 24).

Na leitura da crônica de Rubem Braga compreende-se a razão de Jorge de Sá (2005) nomear o autor como “espião da vida”. O autor produz um texto que projeta o leitor para ver e ir ao longe, além do que está escrito, recriando a vida em mínimos detalhes. “Ele é o espião que nos passa o segredo da existência numa mensagem codificada” (SÁ, 2005, p. 20).

O texto apresenta-se curto em três parágrafos que iniciam com uma sequência de fatos. O cronista-narrador faz um convite ao leitor para apreciar o pavão, uma ave rica em detalhes fantásticos. A crônica escrita em linguagem simples dotada de analogias que possibilitam inúmeras leituras implícitas em relação à crítica literária Cristina Ramalho (2010). No entanto, especifica a leitura metalinguística da crônica que consiste no pavão ser o eu-narrador destrinchando o ofício do cronista, tal como “atingir o máximo de matizes com o mínimo elemento”. O narrador ressalta a crônica que simboliza a simplicidade a fim de promover inúmeras reflexões.

Apreende-se pela leitura da crônica e concorda-se com a conclusão de Cristina Ramalho (2010) sobre Rubem Braga utilizar-se da simplicidade e do belo com esmero e proporcionar ao leitor a reflexão acerca do “além disso”. O autor tornou possível a capacidade do leitor pela construção de texto rico em recursos linguísticos que o enquadrou como um texto literário.

Outro cronista a ser mencionado pelo caráter de agregar novas características a crônica é Mario de Andrade (1893-1945), escritor e poeta. O autor foi um dos principais responsáveis pela divulgação da proposta modernista de São Paulo nos anos 20. Destaca-se aqui como um cronista paulista, visto que a intensa produção de crônica não foi limitada somente à cidade carioca. A produção de crônicas de Mário de Andrade iniciada em 1930 retratou como principais temas a cidade de São Paulo e a cultura popular brasileira.

As produções literárias de Mário de Andrade são concretizadas para demonstrar a finalidade do regionalismo, de forma não diferente as suas crônicas apresentam a mesma característica. O autor buscou representar não somente a forma temática, como também a forma estrutural que valorizasse a cultura brasileira e a valorização da arte próxima do povo. Michele Aranda Facchin (2012)¹⁶ aponta que Mário de Andrade escreveu crônicas para o leitor de jornal, de maneira que aludisse o público sobre a identidade cultural e a variedade de costumes que o cerca, no sentido de valorizá-la.

As narrativas curtas do autor representam a diversidade cultural do Brasil, com teor ideológico que fazem parte do projeto nacionalista do autor, com o objetivo, como marca Manuel Bandeira, de “Abrasilhar o brasileiro num sentido total, patriarizar a pátria ainda tão despatriada, que dizer concorrer para a unificação psicológica do Brasil [...]” (1957, p. 129 apud FACCHIN, 2013, p. 149). Mário de Andrade usou as suas produções cronísticas para divulgação dos aspectos culturais brasileiro, retratou o folclore e costumes para consolidar a diversidade cultural brasileira.

A proposta modernista visou libertar os escritores brasileiros da estrutura dos cânones clássicos, passou a ressaltar nas produções literárias características de contestação, por exemplo, uma linguagem solta, mais livre e inspirações

¹⁶ Autora da dissertação de mestrado intitulada *A comicidade nas crônicas de Mário Andrade* cujo analisou a seleção de cinco crônicas selecionada do livro *Os filhos de Candinha* (2008), objetivando apontar a estratégia do uso do humor para construção do olhar crítico, bem como ressalta o projeto nacionalista contido na obra do autor.

temáticas na identidade cultural brasileira. De forma não diferente, foram inclusos tais experimentalismos na crônica produzida nesse contexto sócio-histórico.

Na apreciação das crônicas de Mário de Andrade percebe-se o trabalho estético com a linguagem para expressar um processo semelhante da língua falada, também utilizando as crônicas como recursos poéticos. Além disso, registrou o texto com comicidade, aspecto usado como laboratório pelos modernistas para construir o tom crítico nas produções literárias. Vejamos um trecho da crônica “Rei Momo”:

Por que não se tentar trazer de novo a São Paulo o Sultão do Meio-Sol e da Meia-Lua, das Cheganças, o Arlequim do Bumba-meu-Boi, o Matroá fabulosíssimo dos Caiapós, ou melhor, o rei Congo e a rainha Ginga? [...]. E se repetimos diariamente os erros milenários, se eles renascem com facilidade de erva e fecundidade suína, por que não tentar o renascimento de costumes que desapareceram pela desordem dos chefes? (ANDRADE, 2008, p.150).

A referida crônica tal como exemplares do autor se aproxima do gênero conto, ressalta personagens, tempo e espaço. O narrador questiona o festejo a reis e personagens de outras origens e tradições, e propõe uma reflexão no porquê não valorizar o aspecto cultural das nossas tradições. Ele critica o hábito de imitação brasileira que constituem “erros milenares” de festejar o que lhe é alheio e não resgatar os personagens do folclore que compõem a identidade brasileira.

Enfatiza-se também um dos renomados cronistas e poetas que inovou e contribuiu para a variedade performática do gênero, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Ele é apresentado pelo teórico Jorge de Sá (2005, p. 65) como “o cronista-poeta”, pois a poesia se faz presente nos textos cronísticos do autor. O autor produziu narrativas curtas que apresentam recursos poéticos, como: ritmos, apelos emocionais e jogos de imagens aliados a um toque de humor sobre as condições da vida. Ao usar os recursos poéticos na prosa, Carlos Drummond de Andrade demonstrou que o gênero crônica não possui limites, tornando oportuna essa estratégia textual, assim como demais autores na época.

A narrativa cronística produzida por Carlos Drummond de Andrade misturou formas de gêneros literários, utilizando de liberdade expressiva para defender a busca pelo novo. De forma temática, traça observações que defendem o valor da vida e o processo constante de mudança que todo ser humano deve buscar. Observa-se trechos da última crônica “Ciao”, publicada no Caderno B do

Jornal do Brasil, em 29 de setembro, aos 81 anos de idade, em que Carlos Drummond de Andrade assinala sua aposentadoria e despede-se dos leitores:

Há 64 anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia a cada manhã a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo o pessoal da redação. O homem olhou-o, cético, e perguntou:

- Sobre o que pretende escrever?

- Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.

O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer o jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasceu aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas crônicas.

Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois chegou o momento deste contumaz rabiscador de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao-adeus sem melancolia, mas oportuno.

Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro. Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores.

Na leitura do objeto literário percebe-se no enredo a atividade desempenhada pelo personagem, o cronista, tal como os comentários críticos e irônicos acerca de diversos assuntos, como o próprio destaca questões políticas, sociais, econômicas e literárias no cenário mundial e, principalmente, brasileiro. Carlos Drummond de Andrade apreendeu o seu tempo e o registrou em crônicas mordazes, preocupado com o bem-estar social. Como evidencia no objeto literário uma linguagem leve, metafórica e melodiosa. Mesmo sem a pretensão de acrescentar um tom melancólico, conforme o tema, este de se faz presente ao enumerar desde o início da trajetória do cronista, o decorrer e o “pendurar as chuteiras”.

Identificamos na análise de Ítala Maduell Vieira (2014) sobre a crônica “Ciao” que o autor não anseia passar ao leitor aspectos pessoais ou a visão de

ato heroico histórico. Porém, era interesse da narrativa de Carlos Drummond de Andrade a percepção do trivial e o mais banal acontecimento diário que ressaltasse a experiência do homem comum, “trocava em miúdos o que interessava de fato ao leitor, o cidadão comum” (VIEIRA, 2014, p. 5). Na finalidade de despertar no leitor como descrito pela própria crônica “a inclinação para o jogo da fantasia, do absurdo e a vadiação do espírito” (ANDRADE, ano, p.).

Carlos Drummond de Andrade assumiu sua visão sobre as várias vertentes da crônica, como analisado por Jorge de Sá (2005) na leitura do livro *Cadeira de balanço*, dividindo o livro em oito sessões, conforme as características presentes nos textos. Entre as sessões ressaltou crônicas próximas de um conto, as que arriscavam relatar sobre episódios pessoais, bem como na sessão “Carioca” destacou as crônicas sobre a cidade Rio de Janeiro, até então antiga capital federal.

Contudo, após tecer considerações sobre o fazer cronístico dos autores que contribuíram para a popularidade do gênero considerado “menor”, relembra-se o questionamento da crítica Aline Cristina de Oliveira (2012) na introdução deste item acerca da possibilidade da crônica ser considerada alta literatura, levando em conta seus praticantes. Nota-se que os cronistas citados, entre eles, renomados ficcionistas e poetas, contribuíram para a produção de crônicas em jornais, revistas e programas radiofônicos, aportando com dados novos para o gênero. Isso é perceptível pela criatividade na construção da narrativa, pelo uso de linguagem rebuscada mesmo simulando a informalidade, tornando o gênero multifacetado, variando com influências do conto ou da poesia e evidenciando qualidades literárias semelhantes às presentes no romance, na poesia e outros gêneros literários. Produzem ainda formas textuais dignas de análises e críticas literárias.

Visto a contribuição dos escritos e estilos variados dos autores selecionados, sobressaem diferentes temas nas leituras das crônicas, concorda-se com Massaud Moisés (2012) que atribui à notoriedade das crônicas pela qualidade literária expressada pelos seus cultores. Segue-se também a análise de Paulo Cesar Konzen (2002) sobre a proposta de não classificar a crônica como subgênero, pois esta leitura consiste apenas em apresentar uma reflexão

mínima da modalidade artística, ao apontar ou não o vínculo desta manifestação literária às demais modalidades.

Desta forma, ao enquadrar “a crônica como gênero menor, evidencia que não existem gênero menores” (KONZEN, 2002, p. 43), pois se compreende, segundo o autor, que assim como há pequenos e grandes escritores, também há pequenos e grandes cronistas. Portanto, pode-se dizer que há “crônicas” e “crônicas”, há textos que beiram o factual e textos impregnados de tons poéticos e simbólicos que possibilitam diversas formas de fruição.

Antes de apreendermos uma leitura interpretativa do objeto literário escrito por Cecília Meireles, interessa analisar crônicas em que a autora arriscou reflexões sobre o próprio gênero, como ilustrado a seguir:

3.4 A crônica pela cronista Cecília Meireles

Visto o conceito, a história, as características e tipologia do gênero crônica, percebe-se que a crônica literária ora considerada gênero ora subgênero apresenta características próprias e compatíveis com o seu decorrer histórico. Cecília Meireles, inserida neste contexto social entre os cronistas que contribuíram para a qualidade literária da crônica, esboçou alguns conceitos referentes ao fazer cronístico como tema das próprias crônicas.

A partir da leitura crítica das crônicas radiofônicas que abordam como tema o próprio gênero, destaca-se que na narrativa intitulada “Crônica sonhada”¹⁷ há a intenção da autora de causar um estranhamento entre o título e o enredo. Analisamos como a obra funciona com efeito de provocação ao leitor, a fim de entender o âmbito do enredo contado e o âmbito do discurso literário que a descreve:

A mulher existe naquele momento, embora não seja nitidamente vista. Existe e lê um livro. Lê um livro **profundamente**. O lugar em que a mulher se encontra não oferece pontos de referência: é um determinado espaço indeterminado, sem paredes, sem espessuras, todo penetrável e, no entanto, aparentemente exclusivo. A mulher lê **profundamente**. Pelo vão que poderia corresponder a uma porta, um homem entra de cartola, botas altas, casaca azul, um pequeno chicote na mão. Parece uma gravura (um pouco esfumada) do século XIX. O homem aparece: não retira a cartola da cabeça, não faz mesmo nenhum

¹⁷ Crônica radiofônica da coletânea *Ilusão de mundo* (2013).

movimento. Permanece de perfil e, depois de um certo silêncio, ou a sua boca diz ou se percebe que estaria dizendo: “Senhora, o carro está lá embaixo à sua espera”. (MEIRELES, 2013, p. 49, grifo nosso).

O enredo aborda uma mulher que lê um livro, sua atenção está atraída para a leitura a ponto de transcender o tempo e o espaço. A repetição da palavra “profundamente” ligada ao ato de ler remete a leitura à vida em oposição à eminência da morte, no sentido que a mulher vive e existe naquele instante, à medida que “lê profundamente” e não dorme profundamente;

Nesse momento percebe-se que o homem de cartola, botas altas e casaca azul não é uma figura qualquer: nós nunca o teremos encontrado, com essa indumentária senão em alguma estampa muito antiga, ilustrando a passagem de algum romance, mas ficamos sabendo que se trata do cocheiro de um carro funerário que aguarda, embaixo, aquela mulher distante, isenta de pormenores; aquela forma feminina que lê, que **continua** a ler profundamente, suspensa naquele recinto que, sem deixar de ser um recinto é um espaço livre de quaisquer limites por todos os lados. A mulher **continua** a ler. (MEIRELES, 2013, p. 49, grifo nosso).

A organização textual apresenta descrição em detalhes sobre a imagem do cenário, destaca que o lugar é inexistente, porém criado com minúcias pelo narrador para o imaginário do leitor ideal, atraindo sua atenção, contudo conscientizando-o que é ficção. O recurso da repetição do verbo “continua”, acentua uma musicalidade, como o mesmo é uma metáfora da linha tênue da vida, mesmo na certeza da eminência da morte, a mulher se agarra ao prazer da leitura. Situando o leitor em estado de suspense acerca do acontecimento após a leitura da mulher;

Sim, a mulher terminará a leitura daquele livro e logo, caminhando sobre as suas palavras, descera para esse carro que a espera, embora não se perceba nenhuma relação de distância ou de posição entre o lugar que ela ocupa e o lugar a que terá de descer - pois é de tal modo unido que não se concebe que não estejam todas as coisas, e a exigência e o tempo fundidos e integrados na mesma realidade. (MEIRELES, 2013, p. 49).

Em termo de conteúdo, “Crônica sonhada” se reveste do cenário no século XIX, ressalta o período que marca a popularização da leitura de crônicas

publicadas em jornais principalmente pela fidelidade do público feminino, conforme a leitura do artigo de Aline Cristina de Oliveira, período em que

Conscientes de sua arte, os escritores do texto lítero-jornalístico deixaram um legado de valor imensurável para as gerações que os sucederam, souberam dar à matéria efêmera do dia-a-dia um tom individual, subjetivo e uma linguagem comprometida com o belo. (OLIVEIRA, 2010, p. 212).

Identificamos a preocupação de Cecília Meireles com a construção da linguagem, que torna o objeto literário singelo e mórbido, formando o cenário “esfumado” no imaginário do leitor, imagens como lapso de memória que se dissipa. Há uma quebra da narrativa, visto que não demarca o desfecho de uma ação, não atende a expectativa do leitor em suspense, porém reporta para um entrever sobre a intenção que alveja da leitura provocada no receptor.

A intriga provocada pelo narrador-cronista fundamentada nos personagens, tempo e espaço, relacionando ao título “Crônica sonhada” elucida o tema que anseia que a crônica, como ficção, seja como uma narrativa viva e anacrônica, pois envolve o leitor em qualquer tempo e época, de forma que apreende a atenção acerca da leitura e toda vez que se relê, encontra-se algo novo e representativo para o ser humano. Após absorver a substância literária, o leitor consciente da sua própria interpretação “descerá” e conceberá uma visão diferente da sua realidade.

Esta produção literária permite uma reflexão além do enredo, pois remete a uma análise da pluralidade discursiva literária, observa-se a crônica estruturada em determinado tempo e espaço, ao correlacioná-la ao título, apreciamos uma proposta e objetivo alvejado na crônica em geral. Portanto, “Crônica sonhada” confere uma negativa de uma realidade dada e assume uma defesa sobre a crítica não reprodutiva, ao incentivar o leitor a captar alguma substância no objeto artístico e a ter um novo olhar sobre a realidade em que está inserido. Esse processo revela objetivo da crônica para Cecília Meireles: promover uma reflexão sem a intenção de persuadir.

Como também na leitura de “Tristeza de cronista”¹⁸, apreciamos uma finalidade pretendida à crônica. Conforme o enredo, há dois turistas no ônibus passeando pela cidade do Rio de Janeiro, ambientado em Botafogo. Um dos

¹⁸ Crônica radiofônica da coletânea *Escolha seu sonho*.

rapazes não sabia quase nada sobre a cidade, o outro agia como “cicerone”, aquele que apresentava a atração. Ambos os rapazes conversavam em um ônibus lotado sobre as minúcias acerca da cidade, enquanto todos os outros passageiros os ouviam.

Mas enquanto não saltava, o cicerone explicou ao companheiro: “Nesta rua há uma casa muito importante. É a casa de Ruy Barbosa. Você já ouviu falar nele?” O outro respondeu que sim, porém sem grande convicção.

Mais adiante, o outro insistiu: “É uma casa formidável. Imagine que tudo lá dentro está conforme ele deixou!” O segundo aprovou, balançando a cabeça com muita seriedade e respeito. Mas o primeiro estava empolgado pelo assunto e tornou a perguntar: “Você sabe quem foi Ruy Barbosa, não sabe?” o segundo atendeu o interesse do amigo: “Foi sem jeito, principalmente porque uns dois passageiros levantaram a cabeça para aquela conversa. Diminui um pouco a voz: “Sambista não.” E tentou explicar. Mas as palavras não lhe ocorriam e ficou por aqui: “Foi... uma pessoa muito falada.” O outro não respondeu.

E foi assim que o Cristo do Corcovado mudou de posição sem eles perceberem, e saltaram fora do ponto.

Ora, a moça disse-me: “Você com isso pode fazer uma crônica.” Respondi-lhe: “A crônica já está feita por si mesma. É o retrato deste mundo confuso, destas cabeças desajustadas. Poderão elas ser consertadas? Haverá maneira de se pôr ordem nessa confusão? Há crônicas e crônicas mostrando o caos a que fomos lançados. Adianta alguma coisa escrever para os que não querem resolver?”

A moça ficou triste e suspirou. (Ai, nós todos andamos tristes e suspiramos!) (MEIRELES, 1980, p. 125-126).

O *corpus* literário desse trecho relata o olhar do cronista como um observador das trivialidades, desordens, com críticas e questionamentos acerca do observado, destacando a tristeza do cronista ao relatar as desordens que ainda estão a acontecer, ou pior, são problemas cíclicos em centenas de crônicas. Pelo foco narrativo do narrador-cronista é possível sermos guiados ainda mais longe, projetar o olhar para além do que está impresso, vencendo limitações dos olhares oprimidos pela realidade. O cronista tem a destreza não só de relatar sobre um enredo, como também de nos conduzir a outro tema ainda mais complexo por meio de questionamentos sugeridos onde se identifica uma forte carga crítica. Percebe-se que a crônica “A tristeza de um cronista” possui nas entrelinhas a intenção de provocar o leitor e anseia por uma reflexão de teor moralista. Neste sentido, apreende-se o propósito de aliar ao objeto literário uma função social. Ambas as crônicas, configuram o exemplo da afirmação de Massaud Moisés:

Quem opta por exprimir-se através da crônica sabe – ou acaba sabendo – que deve circunscrever a sua óptica, e, portanto, a linguagem, na minúscula parcela da realidade que lhe é dado surpreender. Voos, sim, mas voos dentro de estreita gaiola, voos sem transcendência, embora no seu encaço, voos de imanência, voos rasantes. (MOISÉS, 2012, p. 629).

Confirma a ideia de Afrânio Coutinho (2003) sobre a crônica constituir-se de textos curtos e inacabados, cujos assuntos tendem ao longe mesmo de referência próxima. Observa-se que a crônica proporciona uma leitura leve e capaz de despertar o senso crítico do leitor, não é de estranhar, portanto, o motivo do gênero literário ter caído no gosto popular na década de 1930 e o seu auge nas décadas de 1940 e 1950, bem como a proliferação de crônicas em diversos veículos publicitários, até mesmo nas emissoras de rádios.

Conclui-se que o registro escrito da crônica moderna sugere a preservação da memória coletiva destacada em tom crítico. Ainda em consonância com a popularidade destacada pelo tipo de gênero, percebe-se o uso de linguagem simples, porém não informal, semelhante à fala. Neste aspecto compreende uma aproximação entre o leitor e o autor, assumindo um tom intimista. Esses recursos introduzidos na crônica e a linguagem figurada conferem mudanças significantes ao gênero, passando a constituir novas tipologias. A crônica confere um discurso comunicativo, mas sem grandes pretensões à imortalidade.

PÁGINAS SUPRIMIDAS

66 a 101

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo contemplou o exercício cronístico de Cecília Meireles, em específico as narrativas produzidas para emissão em rádios de 1961 a 1964. O objetivo consistiu em propor uma leitura interpretativa baseada no procedimento teórico de Carlos Reis (2002) e Umberto Eco (1991), identificando e analisando o aspecto crítico presente no *corpus* literário selecionado. Espera-se contribuir para divulgar este objeto literário e compreendê-lo em ampla dimensão, caracterizando como crônica moderna.

Nos comentários biográficos e profissionais da autora, em termos gerais, percebeu-se a atividade literária intensa e a atuação social e cultural de Cecília Meireles. Visto a contribuição de Cecília Meireles além da poesia, o presente estudo ressaltou os inúmeros papéis desempenhados pela autora como jornalista, professora, escritora, apreendendo-se sua vasta participação em propostas e militâncias educacionais, culturais e causas humanitárias. Observou-se que Cecília Meireles não se mostra alienada das causas sociais, como apontado por alguns estudiosos da autora, em especial no que diz respeito a suas obras líricas.

Como notado pela crítica literária de Cecília Meireles, a análise dos diversos gêneros literários em conjunto, seja narrativa ou poesia, permite compreender melhor a finalidade do discurso da autora como um todo, pois há um diálogo entre as suas obras produzidas nos respectivos gêneros.

Em contato com o exercício cronístico de Cecília Meireles, observou-se o quanto este gênero foi trabalhado esteticamente e tematicamente, influenciado pela conjectura de sua contemporaneidade. Principalmente no início da sua produção de gênero na década de 1930, ela se envolveu em debates políticos, culturais e educacionais, escrevendo linhas com intensos tons de ironias e críticas. Compreendeu-se a autora, assim como os demais cronistas desta época, foi sujeito da história que teve a imprensa como um excelente recurso e lugar estratégico, de forma a intervir ou construir uma nova proposta pedagógica, haja vista que o veículo de comunicação circulou por todo o país e configurava como o principal meio de informação e formação do público.

Dado a relevância das crônicas jornalísticas produzidas pela autora e o anonimato desta produção, apreciou-se o trabalho de organização e resgate do material realizado por Leodegário A. de Azevedo Filho, mediante pedido da Editora

Nova Fronteira em 1998, por ocasião da aproximação do centenário da autora, e divididos em títulos: *Crônicas de educação*, *Crônicas de viagem* e *Crônicas em geral*.

Constavam nas *Crônicas de educação* questões relacionadas ao ensino e à perspectiva histórica na visão da autora. Por sua vez, nas *Crônicas de viagem* observou-se que não se tratavam apenas de relatos de uma visita a outro lugar, mas uma cultura a ser decifrada, cujos aspectos geográfico e histórico devem ser apreendidos como uma experiência poética. E nas *Crônicas em geral* destacaram-se os temas, relatos corriqueiros e leves acerca da cidade do Rio de Janeiro e notícias mundiais, com estilo próximo ao tradicional. Nessa classificação encontram-se as crônicas radiofônicas situadas no contexto do início da década de 1960 que abordam temas em geral.

Cabe frisar pelo estudo das crônicas produzidas por Cecília Meireles configura uma qualidade literária diferente das crônicas jornalísticas fundamentadas em fatos. Destacam-se elementos textuais como: poeticidade, crítica, ironia, bem como ressaltar a diversidade de assuntos, dentre os quais literatura, folclore, cultura, educação e a natureza humana, que ponderam um caráter nacionalista presente conforme a ordem social contemporânea à autora. Visto a versatilidade e a relevância das crônicas radiofônicas, concluiu-se que a autora produziu um discurso literário representando uma negativa aos desmandos do momento sócio político instaurado em 1964.

Para a realização da análise temática das crônicas divulgadas na rádio exigiu um estudo acerca do contexto social no início da década de 1960, baseado na adoção do aporte teórico de Carlos Reis (2003), que conceitua a relação entre o recorte do tempo em que está inserida a construção da obra literária como prática figurativa de certa consciência coletiva dessas sociedades e a capacidade de testemunho histórico.

Entre as observações obtidas destacou-se o contexto sócio-histórico decorrente do incremento econômico e cultural, como também as transformações sociais, a urbanização ocasionada pelo processo da industrialização e a modernização. Entretanto no final na década de 1950 apresentou um quadro de instabilidade econômica e política decorrentes da crise com os altos gastos decorridos da industrialização no país. Crise que gerou o descontentamento com o

sistema político, acarretando mobilizações sociais rurais e urbanas e a instauração da ditadura civil-militar em 1964.

Neste cenário tem-se o rádio como o maior difusor de informações e formador de opinião da população em massa. O rádio tornou-se um meio de comunicação organizado em grandes centros de entretenimento, presente em um maior número de residências e estabelecimentos comerciais, configurando um espaço estratégico que incentivou uma sociedade capitalista e consumista. As emissoras de rádios passaram a ser alvo de críticas sobre a promoção de programas populares que consistiam em deseducar o povo e obter o maior retorno financeiro. Assim, no intuito de promover educação e cultura surgiu as emissoras de rádios com missão educacional e cultural, entre elas as rádios MEC e Roquette-Pinto, que divulgaram o projeto *Quadrante* de Murilo Miranda, que reuniu um grupo de cronistas renomados para produzirem crônicas literárias.

O programa consistia em cinco minutos diários, com narração de Paulo Autran, de crônicas produzidas por diversos autores entre 1961 a 1964. O sucesso do projeto foi de grande proporção, apesar desse tipo de programa educacional não atingir grandes índices de audiência, avançando para a publicação editorial. Porém com a instauração do golpe militar em 1964, o projeto foi impedido de continuar pelo interventor Eremildo Viana. Estes que não apoiavam a incremento cultural e a liberdade artística e ainda proporcionaram o “apagamento de memórias” por meio de destruição do material radiofônico.

Assim o presente estudo apresentou como proposta recuperar a memória perdida deste material radiofônico somente possível graças à preservação das crônicas em coletânea selecionadas pela própria autora *Escolha seu sonho*, bem como coletânea póstuma *Ilusão de mundo* proporcionada pelo trabalho dos seus familiares.

Visto também as diferentes leituras propostas por múltiplos críticos acerca das crônicas radiofônicas produzidas por Cecília Meireles, percebeu-se uma oportunidade de averiguar e analisar sua composição técnica literária e acenar novas contribuições acerca do objeto. Apreendeu-se nas crônicas expressas por ondas sonoras assim como na análise das temáticas das crônicas jornalísticas das décadas anteriores, a mesma afinidade de Cecília Meireles com as causas humanitárias e a missão educadora. Como resultado colheu-se dados para a contextualização interpretativa nessa pesquisa, que priorizou a compreensão das

crônicas como constituídas por recursos textuais variáveis influenciados pelo contexto sociocultural censurável, conforme a perspectiva e escolha do autor.

Para a concretização do estudo, no segundo capítulo, ressaltou considerações acerca do conceito de crônica como gênero literário, compreendeu-se sua historicidade, tipologia e principalmente seu momento de maturidade, definido como crônica moderna e seus praticantes. Para este objetivo adotou-se os estudos de Massaud Moisés, Jorge de Sá, Eduardo Portela, Afrânio Coutinho e Paulo Cesar Konzen.

No primeiro momento notou-se a historicidade do gênero crônica como documentação histórica vinculada ao registro temporal, para conforme o decorrer histórico apresentar-se como narrativa de experimentalismo literário, porém sem desvincular do contexto histórico, assumindo-se como um gênero “entre”, com características de hibridismo, variante entre o factual e o ficcional.

Apreendeu-se o momento de maturidade da crônica em meados do século XIX, momento em que ascendia uma sociedade capitalista, consumista e fragmentada. O meio social se mostrava carente de informação rápida, sendo isso possível pelo surgimento do maquinário que proporcionou informativos capazes de retratarem rapidamente os acontecimentos. De tal modo a acessibilidade do jornal e a divulgação do gênero crônica por ser de fácil circulação e rápido consumo culminou na aceitação do leitor. Compreendeu-se que a imersão da literatura no espaço jornalístico possibilitou a democratização de leituras limitadas, até então, a um determinado grupo social para um número maior de leitores e de diferentes classes.

O formato e a versatilidade do gênero crônica a partir do meio de comunicação surgiram para corresponder às necessidades de informação do novo contexto e contribuiu para o desenvolvimento literário moderno. Visto que as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela valorização de outros modos de expressão que visavam romper com os padrões tradicionais. O idealismo moderno consistiu em valorizar uma literatura popular que englobasse o cotidiano, reinterpretao a vida presente e o progresso.

A crônica moderna consiste na narrativa curta, que se apropria de observações diárias, seja real ou ficcional, dotada de linguagem figurada e ambivalências. Construídas em tons poéticos, críticos e de humor para apreender o objetivo com uma visão subjetiva, narrativas essas que visam alçar voo do simples

ao complexo proporcionando reflexões humanas. Desta forma, propõem despertar o leitor do mero contemplar da amenidade dos acontecimentos triviais, levando-o a ampliarem os seus horizontes.

Como o propósito do estudo foi traçar considerações sobre o gênero crônica, pois é complexo conceituá-lo devido as multiplicidades de variações relacionadas a outros gêneros, ressaltou-se a diversidade de características apresentadas na crônica e fáceis de identificar, como: brevidade, ambivalência, subjetividade, diálogo, estilo entre oral e literário, temas do cotidiano, ausência de questões transcendentais e a efemeridade, assim como a flutuação e aproximação do gênero crônica a outros gêneros, como a poesia, conto e ensaio, mas também a afirmação da diferença entre eles. Entendeu-se que a crônica se quer híbrida, visto à característica móvel e à liberdade de apresentar-se em narrativa.

Também foi proposto um enfoque no trabalho dos cronistas contemporâneos a Cecília Meireles, para apreender a qualidade literária e os temas que estes discutiam na época, de forma a circunscrever o contexto histórico e a possibilitar a análise da amplitude da crônica como narrativa ficcional. O conceito de crônica é variado, conforme as múltiplas características que sugerem miscigenações entre os gêneros somadas às subjetividades dos seus praticantes em termos de literatura brasileira. Assim sendo observou-se os cronistas em transição que proporcionaram o estilo estritamente literário às crônicas, conforme suas escritas e especificidades. Contudo, na proposta investigativa de seus praticantes apreendeu-se a crônica como espaço propício para a prática de experiências estéticas sem perder a essência do gênero. Deste modo, concordou-se com Massaud Moisés (2012), que atribuiu à notoriedade das crônicas pela qualidade literária expressada pelos seus cultores.

A autora não se eximiu da tentativa de conceituar o gênero crônica, nota-se a oportunidade na análise dos objetos literários de Cecília Meireles de ressaltar consideração sobre o gênero em “A crônica sonhada” e “A crônica perfeita”. Destacou-se a crônica como uma modalidade narrativa aberta a diversos recursos textuais, presentes em outros gêneros o que possibilita a sua constante atualização. Bem como também é possível identificar a expressão de uma ideia e a intenção da autora em ampliar a capacidade de ampliação do campo de significação ao compor a narrativa curta.

Contudo, conclui-se que dada à diversidade da tipologia do gênero crônica, coexistem características típicas do gênero. Há uma informalidade próxima da oralidade na narrativa breve e de tom leve, sendo possível por meio da linguagem que atribui a crônica uma característica literária, no momento em que esta lança mão do referencial e constrói uma dimensão simbólica.

As crônicas radiofônicas foram analisadas de acordo com os seguintes critérios: reflexão acerca da relação humana, diagnóstico social e escritos levianos acerca da política. A análise apreendeu o estudo do texto de ficção, em respaldo a Umberto Eco e Carlos Reis, como resultado da interação entre a tradição estética e a tradição sociocultural. Usou-se como estratégia de estudo as observações acerca dos recursos textuais, aspectos relevantes empreendidos para a leitura interpretativa das obras literárias.

Verificou-se que, ao serem divulgadas através de emissoras de rádio, as crônicas era de acesso a um público mais variado e de diferentes formações. De forma que cativasse a audiência deste público, apreende-se na produção das crônicas que Cecília Meireles utilizou estratégias como temas familiares ao receptor e promoveu associações por meio do conhecido para estimular algo mais desconhecido.

A cronista viu nesse gênero literário, embora condensado, a ocasião pela amplitude e difusão sonora para um público variado a oportunidade de apresentar denúncias, questionamentos, críticas de mecanismo social de forma a estimular o senso crítico. Na leitura das crônicas permitiu ressaltar temas com pertinência social condizentes com o momento histórico em que foram produzidas, como: observou-se nas crônicas “Dias perfeito” e “Tempo incerto” uma crítica arguciosa acerca do processo de modernização tão exagerado, ao ponto de nulificar o ser humano, assim como a massificação humana, o espírito de superioridade humano insensível, relações frias e interesseiras entre indivíduos imersos no caos da sua realidade atual.

As narrativas apresentam um olhar irônico, tons de humor com uso de elementos sequenciais opostos, construindo afirmação de “ser” pelo “não ser”, ressaltando um mundo subverso, escassez de valores humanos e morais, a insegurança e a degradação social, de forma que provocasse no leitor uma atitude para buscar respostas.

Visou-se ressaltar um diagnóstico acerca do aspecto social nas crônicas “Depois do carnaval” e “Vovô Hugo”, no sentido que apontam problemas e a degradação social. Compreendeu-se por meio do tom de ironia e intromissões do narrador a intenção de provocar no narratário uma mobilização, um questionar em busca de resoluções acerca dos problemas sociais e não apenas contemplar o envolvimento. A importância da contribuição literária como ficção social, baseado em Fabio Lucas (1985), que se apresenta como intervencionista, sem se utilizar de apelações solidárias a degradação social ou tornar o leitor alienado.

Por sua vez, em relação às crônicas “Liberdade”, que ratifica a visão da autora como defensora do espírito autônomo, e “Do diário do imperador”, que defende o patriotismo condizente com o contexto histórico real, ressaltou-se aspectos políticos de forma leve e descontraída articulados pela liberdade de recursos estéticos. A autora explorou o uso de figuras de linguagem, construindo o ritmo, a construção de imagens e a intertextualidade para apreender a atenção do leitor e estimular uma opinião madura sobre o que o cerca.

O aspecto breve e leve da crônica impõe que a autora, para expressar uma ideia, estabeleça uma proposta que atente para a escolha cuidadosa das palavras que irão constituir a linguagem figurada no texto, desta forma deixando claro a importância dos recursos estéticos que promova a dinamização de significação na narrativa ficcional. Como visto no texto literário analisado, o uso de intertextualidade, seja referências espaciais ou alusões a outros textos.

As crônicas “Tempo incerto”, “Depois do carnaval” e “Vovô Hugo” trazem referências literárias, entre elas a renomados autores ou seus personagens e a obras importantes, para o estabelecimento de relações que proporcionam um diálogo intertextual. Visto a importância deste diálogo que possibilitou implicações interpretativas acerca do texto original para o texto atual seja de forma para reafirmar ou contrariar os textos redimensionados. Com base nas referências literárias citadas, compreende-se as crônicas como textos doutrinários, que apresentam uma função metaliterária. Observa-se nas crônicas radiofônicas a proposta e a finalidade da autora em rever e questionar o método literário, ao passo que cita autores que implantaram grandes mudanças no universo ficcional.

A autora optou por falar diretamente ao leitor, através do questionar e o uso de recursos linguísticos que despertasse um apelo emotivo. Como, por exemplo, o uso de parênteses que representam a intromissão do narrador, visando indagar ou

questionar uma determinada ação, apresentando um olhar crítico e o propósito de causar efeito no leitor. As crônicas radiofônicas constituem um produto ficcional crítico por meio da negociação dos sentidos não somente que proporcione um apelo emotivo, como também uma reflexão acerca de questões humanas e sociais.

A linguagem constitui no texto imagens, haja vista na crônica, “Dias perfeitos” e “Depois do carnaval”, compondo uma narrativa marcada pela dinamicidade visual. As cenas são caracterizadas de acordo com eventos rotineiros da cidade do Rio de Janeiro na década de 1960. Bem como a numeração das ações e a disposição dos parágrafos para compor a problematização social e questões humanas registra a importância do elemento textual para assegurar a atenção do narratário quanto ao propósito do texto.

Em meio a tantos assuntos expostos na crônica, cabe frisar que Cecília Meireles expôs o seu ponto de vista contundente acerca deles, não de maneira imposta, mas com uso do tom indagador que planta uma semente de dúvida e de curiosidade, possibilitando assim um pensar constante no leitor e, conseqüentemente, levando-o a produzir suas próprias conclusões.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para com a fortuna crítica das crônicas radiofônicas de Cecília Meireles e para a dinamização dos estudos do gênero crônica no meio acadêmico literário. Ao empreender esta pesquisa por meio de uma linha metodológica que priorizou o estudo temático, percebeu-se a amplitude de recursos para estabelecer a coerência interna além da narrativa aparente. Percebe-se, desta forma, que o estudo das crônicas radiofônicas de Cecília Meireles não se esgota aqui, pelo contrário, exige um aprofundamento maior das narrativas e de seus temas, ao mesmo tempo locais, universais e existenciais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Daniela Utescher. **A crônica de Cecília Meireles**: Uma viagem pela ponte de vidro do Arco-íris. 2012. 188 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-12092012-102010/en.php>>. Acesso em: 2 ago. 2014.
- ANDRADE, Maria do Carmo. *João Pessoa (político)*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 05 nov. 2011.
- AZEVEDO, Lia Calabre de. No tempo do rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. 1923-1960. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf>. Acesso em: 20, maio de 2015.
- BALDAN, Ude. Uma crônica, apenas. **Revista de Letras**: Centenário de Cecília Meireles e Murilo Mendes. São Paulo: Unesp, 2002, p. 129-138.
- BANDEIRA, Manoel. *O excelente Murilo*. *Jornal do Brasil*. 16 de outubro de 1961. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=1246&dat=19611016&id=tg5PAAAAIBA&sjid=cB8EAAAAIBA&pg=7304,2371058&hl=pt-BR>> . Acesso em: 10 jul. 2015.
- BRAGA, Rubem. O pavão. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 24-6.
- CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil. Campinas: EdUNICAMP, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006
- CORTEZ, Luiza Iolanda. **As crônicas de João do Rio e as facetas urbanas do feminino**. *17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero* (2012): 14 p. Disponível em: <www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/238/107>. Acesso em 20 Ago. 2015.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **A literatura no Brasil**. 3 ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EdUFF, 1986.
- CUNHA, Marcus Vinicius da; SOUZA, Aline Vieira de. Cecília Meireles e o temário da Escola Nova. **Cadernos de pesquisa**, v. 41, n.144, set/dez, 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a11.pdf>. Acesso em: 20, novembro de 2014.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Cecília Meireles: Imagem feminina. **Cadernos Pagu**. Campinas, n.27, p. 333-371, Jul/Dez. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 jul. 2014.

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

DUTRA, Lenise Ribeiro; COELHO, Marcos Antonio Pereira; CAMPOS, Eleonara Teixeira. **Crônica**: nos limites da literatura. *Anais do XVI CNLF*. p. 2806-2818. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Disponível em: <www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/189_B.pdf>. Acesso em: 20, maio de 2015.

ECO, Umberto. **A obra aberta**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 2 ed. São Paulo: Record, 2010.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

FACCHIN, Michelle Aranda. **A comicidade nas crônicas de Mário de Andrade**. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em xxx) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91520>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

GENEROSO, Danielle Morais. Verdades Inventadas. **Revista contra ponto**. Belo Horizonte. V. 2. N. 2, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/viewFile/4601/pdf>>. Acesso em: 03 set. 2015.

GOUVÊA, Leila V. B. **Cecília em Portugal**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife; Massangana, 2010. (Coleção educadores MEC)

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. **O “RENASCIMENTO” DA IGREJA CATÓLICA DO BRASIL: IDEÁRIOS DE UMA GERAÇÃO (1920 - 1940)**. XIV encontro regional de história: 1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil. Universidade estadual do Paraná. Campo Mourão. 2014. ISSN:1808-9690. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/253.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2015.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

KONSEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

MARCHIORO, Camila. **Cecília Meireles e os símbolos do absoluto**. 2014. 125 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014. Disponível em: < <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/35769?locale-attribute=en>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

MEIRELES, Cecília. **Ilusões do mundo**. 2 ed. São Paulo: Global, 2013.

MEIRELES, Cecília. **Melhores crônicas**: Cecília Meireles. Seleção e prefácio: Leodegário A. de Azevedo Filho. São Paulo: Global, 2012

MEIRELES, Cecília. **Escolha seu sonho**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEIRELES, C. Liberdade, In.: Escolha o seu sonho, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 7 (9, 10 e 11).

MENDES, Karla Renata; TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. O exercício cronístico de Cecília Meireles: Entre o lirismo e a crítica. **Conexão – Comunicação e cultura**. UCS, Caxias do Sul, v.6, n. 16, p. 117-138, Jul/Dez, 2009. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/130>> . Acesso em: 04 de dezembro de 2015.

MENDES, Karla Renata. **CECÍLIA MEIRELES VIAJANTE: VISÕES DO PRESENTE E DO PASSADO NAS CRÔNICAS SOBRE PORTUGAL. dissertação** (Mestrado em estudos literários). Universidade federal do Paraná, Curitiba. 2010.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa I e II**. São Paulo: Cultrix, 2003

PESSOA, Marcelo. Crônica: O que ela pode nos ensinar no percurso da crítica à práxis?. **Revista estação literária**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, v. 11, p. 51-56, jul. 2013. ISSN: 1986-1048. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art4.pdf>>. Acesso: 20 ago. 2015.

PIRES, Márcia Eliza. Cronista e poetisa. A poeticidade da prosa em crônicas de Viagem. **Revista estação literária**. Londrina, v. 11, p. 235-251, jul/ 2013. ISSN: 1983-1048. Disponível em:< www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art17.pdf>. Acesso em: 20 agosto de 2015.

PORTELLA, Eduardo. **Teoria da comunicação literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

OLIVEIRA, Aline Cristina. Crônica: um gênero menor? Indagações acerca do texto Lítero-Jornalístico. In: **II Colóquio da Pós-Graduação em Letras**. Assis, n. 2, ISSN: 2178-3683. Assis: UNESP. p. 199-214. Disponível em: <www.assis.unesp.br/coloquioletras>. Acesso em 24 fev. 2015.

RAMALHO, Christina. A literariedade da crônica de Rubem Braga. **Intertextos**. Ano 5, v. 10, jan.-jun. de 2010 – ISSN 1980-8879. Disponível em: <200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER.../INTER11_29.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: Introdução aos estudos literários. Porto Alegre: EdPUCRS, 2003.

RODRIGUES, José Paz. A grande poeta Cecília Meireles, a maior tagoreana brasileira. Focando a notícia. 9 nov. 2012. Disponível em <<http://www.focandoanoticia.com.br/a-grande-poeta-cecilia-meireles-a-maior-tagoreana-brasileira/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

ROSARIO, Nilciléia da Silva. **Ilusões do Mundo por Cecília Meireles**. São Paulo: Baraúna, 2012.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática. 2005.

SILVA, Jacicarla Souza da. **Vozes femininas da poesia latino- americana**: Cecília e as poetisas uruguaias [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 221 p. ISBN 978-85-7983-032-7. Disponível em: <books.scielo.org/id/3vj9m/pdf/silva-9788579830327.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2015.

SILVA, Maria Valdênia da. **As crônicas de Cecília Meireles**: Um projeto estético-pedagógico. 2008. 231 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraíba. João Pessoa. 2008. Disponível em: <www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/.../images_MariaValdenia.pdf> Acesso em: 26 jul. 2014.

SILVA, Mariana Batista do Nascimento. **Cecília Meireles: crônicas de arte, cultura e educação**. Dissertação (Mestrado em teoria literária). Universidade Federal de Uberlândia. 100f. 2008.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Do Jornal ao livro: A trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso. **Temas e Matizes**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. N. 05. P. 54-61. 2004. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/viewFile/554/465>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. Intelectuais na imprensa: contrastes, ideologias e significações nas crônicas de educação de Cecília Meireles. – **Intelectuais, pensamento social e educação**, nº6, PUC, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: < <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Bernadete%20de%20Lourdes%20Streisky%20Strang%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 08 Fev, 2015.

THOMÉ, Cláudia. A memória nas crônicas de Bandeira e Drummond veiculadas no programa Quadrante da Rádio MEC. **LUMINA**. Revista do programa e Pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. ISSN 1981-4070. V.7, n.1, jun/2013.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurélio. Um golpe nos anos dourados da rádio. ALCAR, UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-4-2013-historia-da-midia->

sonora/um-golpe-nos-anos-dourados-do-radio/view>. Acesso em: 20 novembro de 2015.

TUZINO, Yolanda M. Muniz. Crônica: uma interseção entre o jornalismo e literatura. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2009. Biblioteca online de ciências da comunicação - BOCC. ISSN: 1646-3137. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>>. Acesso em: 08 Fev. 2015.

VIEIRA, Ana Paula Leite. Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore. Dissertação de Mestrado para o programa de pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1708.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2015.

VIEIRA, Itala Maduell. A ironia na crônica de Carlos Drummond de Andrade no caderno B do Jornal do Brasil. *Jornal Alcar*, ano 3, n. 16, out. 2014. ISSN: 2316-6835.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras. Porto Alegre, PUCRS, 2010. Tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Comunicação da FAMECOS. Porto Alegre, PUCRS, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2212>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2015.